

Digitized by the Internet Archive  
in 2018 with funding from  
Princeton Theological Seminary Library

<https://archive.org/details/revistainternaci1771unse>

# Revista Internacional do Espiritismo

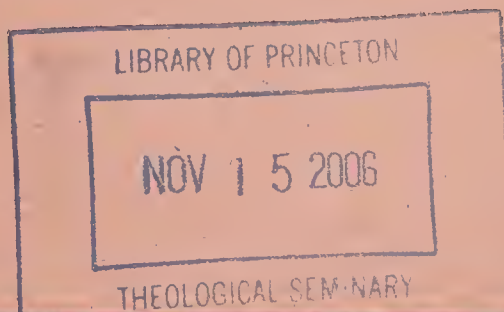
LAP

FOLHETO MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

FUNDADOR :  
CAIRBAR SCHUTEL

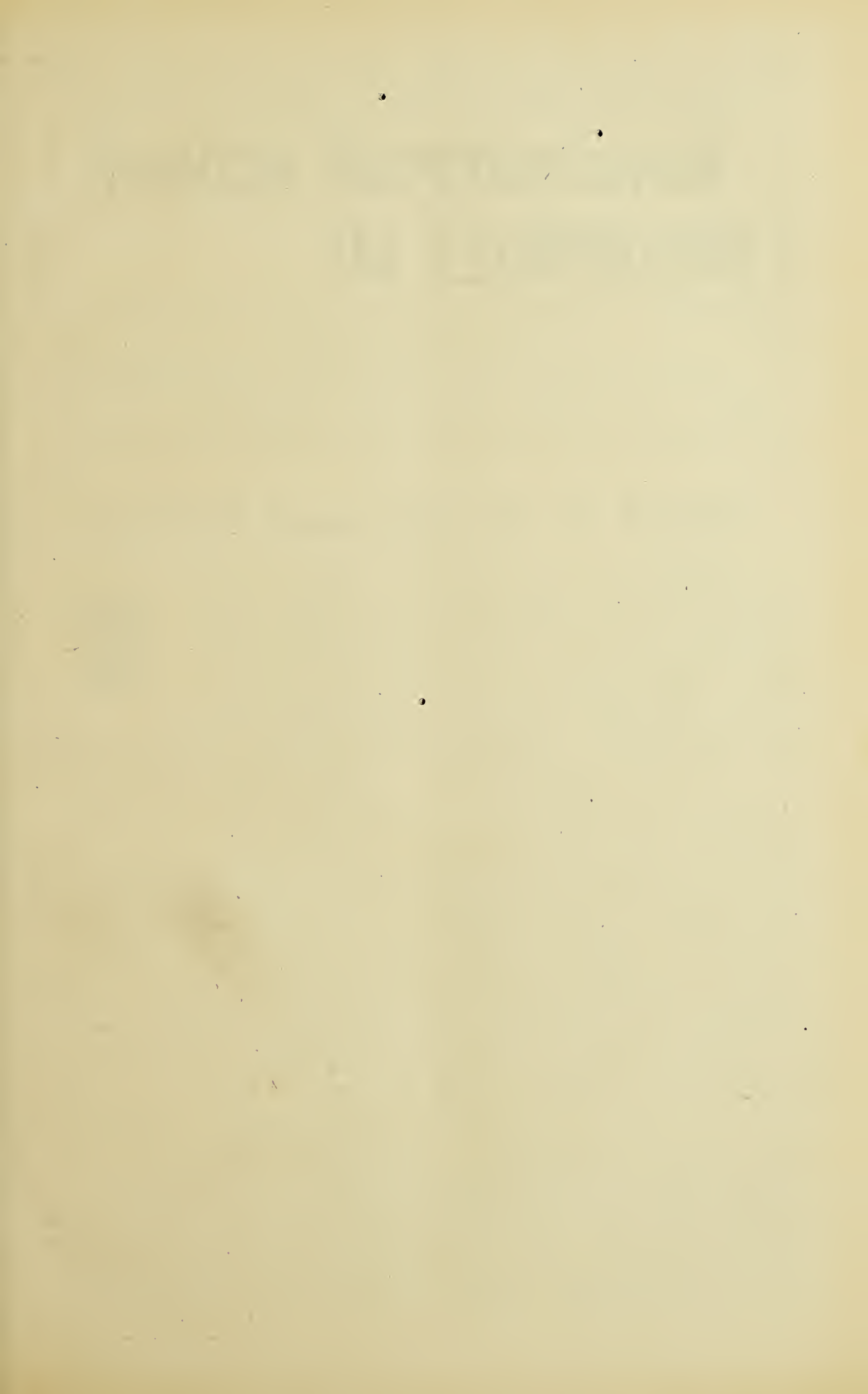
## SUMÁRIO

O XXXVI Aniversário de «O Clárim»  
Os factos imortalistas e a ciência  
Respigando na Autobiografia de uma  
Dama Inglesa  
O escopo da manifestação espírita  
Provas da Sobrevivência  
Livre análise das cousas  
Mundos de ilusão  
Trinta anos entre os mortos  
Sobre a superstição  
A Eutanásia é um Delito  
Durante o Sono  
O Espiritismo em face da Ciência  
A Vóz de Maria Corelli  
Crônica Estrangeira  
Espiritismo no Brasil



Cairbar Schutel







ANO XVII — E. S. Paulo — Matão, 15 de Agosto de 1941 — NUM. 7

# Revista Internacional do Espiritismo

FOLHETO MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

FUNDADOR : *Cairbar Schutel*

DIRETOR : *José da Costa Filho* ≡ REDATOR : *A. Watson Campêlo*

GERENTE : *Antonia Perche S. Campêlo*

Redação : Av. 28 de Agosto n. 301    Oficinas : Rua Ruy Barbosa n. 673

## O XXXVI Aniversário de “O Clarim”



streitamente ligados ao veterano órgão da imprensa espírita, «O Clarim», não podíamos deixar de abrir êste número antes de assinalar, numa homenagem justa e fraterna, o seu XXXVI aniversário, que transcorre hoje sob grande júbilo da família espírita brasileira.

Fazendo um ligeiro exame retrospectivo da vida e do trabalho dêste arauto da espiritualidade, salta-nos à mente o parecer de Gamaliel : «se êste conselho ou esta obra for de homens, se desfará ; mas se é de Deus, não podeis desfazê-la».

Efetivamente, da maneira por que surgiu o «O Clarim» na arena da imprensa e as grandes lutas que o seu fundador, o nosso querido companheiro Cairbar Schutel, teve que enfrentar, nos autorizam a admitir, sem o menor vislumbre de dúvida, que êsse porta-voz da Verdade, é obra de Deus, sob cujas ordens se movimentam pleiades de espíritos elevados, com o fim de orientar e espiritualizar número considerável de humanidades.

«O Clarim», como o Messias, nasceu também numa mangedoura, que constitue a alma humilde, perseverante, caritativa, sábia, cheia de fé e desprendimento de Cairbar Schutel.

Depois de ter dado de mão às

coisas velhas, que constituíam a sua antiga religião, revigorado pelo *novo vinho espiritual*, Cairbar Schutel sentiu-se impellido, por uma força estranha, a pôr mãos no arado. E o seu primeiro passo, que marcou o começo de grandes iniciativas de caráter exclusivamente espiritualista, foi dar publicidade a um jornal com o nome «O Clarim», que apareceu em 15 de Agosto de 1905.

Como, porém, não possuísse, no momento, vastos meios pecuniários para uma obra de vulto, Cairbar Schutel contentou-se em fazer circular êsse jornal de acôrdo com as suas possibilidades, isto é, em formato muito reduzido. Espalhando-se rapidamente por todos os rincões do Brasil, impondo-se à consideração dos espíritas em geral pela sua orientação sã e desassombro com que defendia e prégava a doutrina espírita e os ensinamentos evangélicos, «O Clarim», em breve, aumentou o seu formato, o mesmo que vem sendo mantido até hoje.

Lutando com a falta de numerário para enfrentar as despesas, com a perseguição dos inimigos da Verdade, que se ocultavam em toda a parte, e com as dificuldades do próprio meio em que se achava, Cairbar Schutel não dava indícios de desfalecimentos, mantendo sempre aquela

mesma têmpera característica dos primitivos Apóstolos do Cristianismo.

Houve uma ocasião, precisamente em 1910, em que Cairbar Schutel se encontrou   míngua de recursos para levar avante a sua grandiosa obra. Mas, como o Alto não desampara aqueles que se esforçam por cumprir as suas tarefas, recebeu  le, de pessoa, então desconhecida, apreciável recurso pecuniário com que pode enfrentar as despesas oriundas da publica o de «O Clarim».

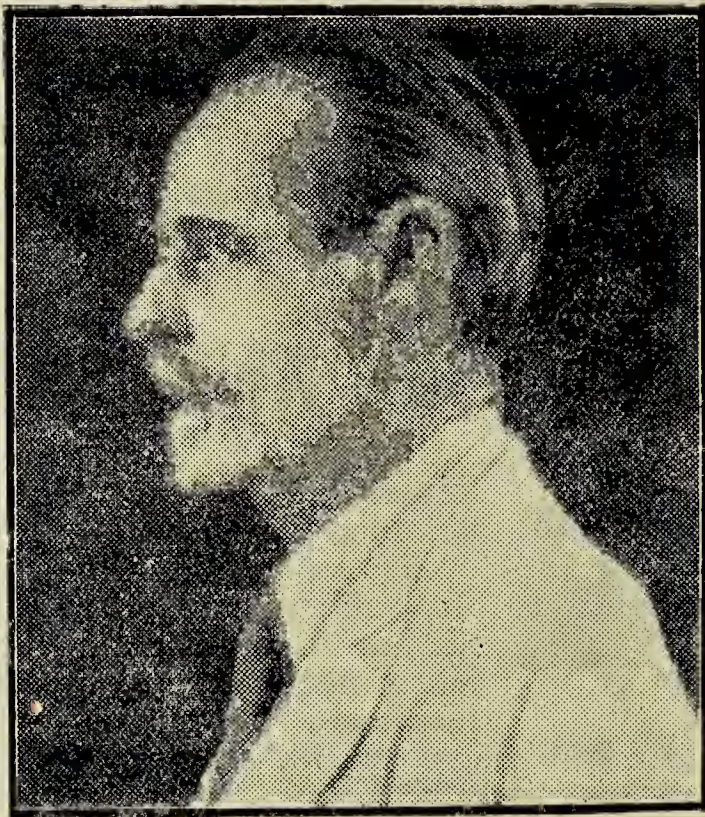
Em 1925, uma alma nobre e identificada com o trabalho de Cairbar, p s   sua disposi o as suas largas posses.  ssa alma cristã foi Luiz Carlos de Oliveira Borges. Daí o aparecimento desta Revista e conseqentemente a impressão, em larga escala, de apreciável número de obras da lavra de Cairbar.

Desincarnado Luiz Carlos de Oliveira Borges, em 25 de Junho de 1925, sucedeu-lhe na tarefa, sua companheira de vida terrena, D. Maria Eliza de Oliveira Borges, de cujos donativos resultaram a compra de uma máquina «Marinoni» para «O Clarim» e o aumento de suas oficinas.

A obra de Cairbar, que punha os interesses da doutrina acima dos mesquinhos interesses pessoais e terrenos, exemplo vivo de humildade e de renúncia, segue o seu curso, alheia  s quest nculas que tanto entravam o progresso espiritual e fomentam a discórdia mesmo entre aqueles que se afirmam seguidores de Jesus. Cairbar não disputava lugar

em evidência e tão humilde era  le que raros eram os seus escritos que traziam a sua assinatura. Sacrificava-se pelo bem do seu próximo, certo de colher farta m sse de frutos sazonados no mundo vindouro.

Que a sua vida e os seus exemplos cristãos possam servir-nos sempre de norma de conduta em todos



CAIRBAR SCHUTEL

os momentos de nossa existência.

E ao terminar êste escrito, deixamos expresso aqui os nossos sentimentos de fraternidade ao nosso companheiro e colega «O Clarim», com votos de longa existência e progresso espiritual.

## Os Factos Imortalistas e a Ciência

*Erguida sôbre a rocha de factos imortalistas, que comprovavam a sobrevivência do homem após o transe denominado morte, a doutrina espírita veiu resolver todos os problemas que tanto preocupam os mentores dos povos. A ciência, sem a menor d vida, orientada pelo cunho transcendental dos factos imortalistas, tem o caminho desatracado para novas e vitoriosas conquistas, que muito felicitar o os homens. Dessa forma a doutrina espírita, até ha pouco tida como simples prática religiosa, está prestes a conquistar lugar de proeminência em todas as cátedras do saber humano.*

LUCIPAZ.



# Respigando na Autobiografia de uma Dama Inglesa

«La Revue Spirite» — Prof. E. Bozzano

(Continuação)

No dia seguinte o coronel Johnson chegou a casa de Crespigny. Ele lhe disse que no dia anterior, havia assistido, a uma sessão de Mrs. Wriedt, no decorrer da qual se manifestou uma voz que, muito exitada, dera o nome e sobrenome do falecido marido de Mme. de Crespigny e acrescentara que sua mulher não estava convencida de haver falado com elle; o morto pedira que o coronel fosse a casa dela para persuadi-la de que se enganara. O espirito disse com voz angustiada:

Dizei que ela me compreendeu mal; ela pensa que eu afirmei ter ela depositado flores sobre meu túmulo; ora, eu absolutamente não disse isto. Meu corpo foi incinerado; meu túmulo absolutamente não existe... Perguntai se ella se recorda de *Galaton*, na estação naval da Australia. Ela compreendera a que eu faço alusão, e dessa vez ella se convencerá.

Mme. de Crespigny continua dizendo: ser-me-ia impossível exprimir por meio de palavras a imensa onda de convicção que essa mensagem derramou em minha alma! Era esta a prova das provas que até então eu invocara ansiosamente. Eu havia batido a todas as portas para obtê-la e finalmente, se abriera uma porta do grande mistério.

*Ninguém, a não ser meu marido, poderia enviar-me esta mensagem.*

Os leitores que percorreram os primeiros capítulos deste volume, compreenderão toda a força da prova que me fôra dada. O nome do navio de guerra era *Galatée* e não *Galaton*, mas este erro constitue uma prova suplementar em favor da origem espirita da mensagem, visto que, se o coronel Johnson compreendeu mal o nome do navio, era porque elle ignorava o nosso passado.

Tal é, em resumo, o relatório da primeira sessão que impeliu Mme. de Crespigny a começar suas investiga-

ções psíquicas. No decorrer de uma longa série de sessões com a mesma médium dotada de tão grande poder, multiplicaram-se as provas de identificação pessoal do marido, do pai e de muitas outras entidades que se comunicavam, de modo a conferir, à dama que as obteve, a certeza científica da presença desses espiritos, no local. É preciso notar que o marido e o pai frequentemente recorriam ao método de se manifestar enquanto Mme. de Crespigny não estava presente; eles então pediam a qualquer outro experimentador transmitir suas mensagens à mulher e á filha, respectivamente — método excelente este, visto eliminar toda possibilidade de leitura no subconsciente dessa dama. O incidente referente ao coronel Johnson, que mais acima citei, é exactamente desta espécie; a esse seguiu-se, poucos dias depois, outro incidente análogo.

Mme. de Crespigny recebeu uma carta do almirante Usborne Moore, que então lhe era desconhecido, na qual elle a informava ter assistido a uma sessão de Mrs. Wriedt, em que se manifestou uma voz que declarou ser Philippe de Crespigny. O almirante disse ao espirito:

Mas, eu não vos conheço e jamais conheci pessoa alguma com este nome. Lembro-me tão somente que na marinha de guerra havia um oficial de nome Crespigny, e que desposara a filha do almirante Sir Cooper Key.

— Muito bem, respondeu o espirito: é minha mulher; eu sou Philippe de Crespigny, oficial na marinha de guerra. Tenho dois irmãos, ainda vivos (e elle forneceu exactamente os nomes).

— Mas porque vos manifestastes a mim, pois que nunca vos conheci?

— Porque vós sois um amigo do pai de minha mulher, o almirante Sir Cooper Key, que está presente aqui.

— Quando ocorreu o vosso falecimento ?

— Cerca de ano e meio atrás.

O almirante Moore acreditava lembrar-se que a morte de Crespigny ocorrera havia mais de cinco anos. Ele escreveu a amigos pedindo informação a respeito e êstes confirmaram a assertiva do espírito — a morte se verificara sómente ano e meio atrás.

Foi sob esta forma indireta que o pai de Mme. de Crespigny a ela se manifestou por sua vez, com o marido, eliminando, assim, a hipótese de ter a médium captado seu nome e prenome, bem como as informações dadas pelo marido, no subconciante da dama presente.

Em outras circunstâncias, o pai e o marido recorriam ao expediente de conduzir pessoas (espíritos) às sessões, que superficialmente haviam conhecido Mme. de Crespigny em uma época distante. Os espíritos a custo conseguiam refrescar a memória de Mme. de Crespigny mencionando pequenos acontecimentos que se haviam produzido outrora. Eis um exemplo :

Na sessão em que meu pai me falou, pela vez primeira, seguiu-se-lhe uma «voz» que deu o nome — «Sofia».

— Sinto muito — disse eu, mas nunca conheci pessoa com êste nome.

—E, contudo, vós me conhecestes.

—Qual é então o vosso nome de família ?

— Morant.

Então me lembrei e pude situar, no tempo, a mulher que se comunicava.

Ela acrescentou :

— Foi vosso pai que me trouxe aquí pedindo-me que me manifestasse a vós.

Agora vós vos recordais de mim ?

— Sim, lembro-me. A minha primeira caixa de tintas me foi dada por

vós, quando nos encontravamos em Malta, sendo eu ainda menina. Mas eu ignorava que o vosso nome era Sofia.

— Provavelmente nunca o soubestes...

Desde quando vos encontrais no mundo espiritual ? Ha dois anos, mais ou menos. Meu marido ainda está vivo.

Após a sessão, tratei de informar-me e consegui saber que seu nome era realmente Sofia, que ela falecera dois anos atrás e que o marido ainda estava vivo... Nunca mais a vira e jamais ouvira falar dela, depois da época longínqua da minha infância...

Encontram-se, no caso que acabo de relatar, dois incidentes verídicos absolutamente ignorados pela experimentadora. A princípio a entidade que se comunicara, afirmou que morrera cerca de dois anos antes. Por consequente, nenhuma possibilidade de leitura na subconsciência dos assistentes, e, menos ainda, leitura à distância na subconsciência do marido (telemnesia), visto a médium ignorar a existência dêste último. Nestas condições, como poderia estabelecer-se a «relação psíquica» (rapport psychique) entre duas subconsciências que se ignoravam; «relação psíquica» que corresponde exatamente à «sintonização» das ondas elétricas na «telegrafia sem fio» ? Neste caso, sómente por meio da «psicometria» é que seria teoricamente possível entrar em relação com um desconhecido; isto é, se alguém houvesse apresentado (à médium) um objeto que houvesse estado em longo contacto com a pessoa do desconhecido muito procurado; mas, na ausência absoluta de semelhante objeto, a interpretação espírita do episódio se impõe irrefutavelmente.

(A seguir).

## O escopo da manifestação espírita

A manifestação dos indevidamente chamados mortos tem por escopo chamar a atenção dos homens para o plano espiritual, afim de obterem conhecimentos com os quais possam se libertar do mundo terreno e ascender às supremas alturas da felicidade. O Espiritismo esclarece cientificamente a manifestação espírita, que deixou de ser um caso de "assombração do outro mundo" para se tornar uma bússola a orientar os homens na senda da vida. — CAMARGO.

# Provas da Sobrevivência

J. B. Chagas

— II —

**D**entre os grandes vultos de projeção mundial que patentearam o fenômeno espírita, conta-se o juiz norte-americano *I. W. Edmonds*, de considerável fama nos Estados Unidos, em razão das funções de que estava investido como presidente do Senado Americano.

A sua atenção para o Espiritismo, êle que o despresára, a princípio, com o cepticismo do magistrado habituado a incerteza dos testemunhos humanos, fôra despertada pelos fenômenos que observou na sua própria filha Laura e, posteriormente, na esposa.

Sua filha Laura tinha recebido educação católica. Sem nenhum motivo explicável, ao menos pelos membros da família, a casa que habitava tornou-se uma espécie de casa assombrada. A moça ouvia constantemente sons estranhos e via fenômenos não menos exquisitos, operando-se sem intervenção humana aparente, mas que pareciam orientados por uma inteligência. Com surpresa geral de todos, passou a falar diferentes línguas, muito embora só conhecesse a sua língua materna e o francês aprendido no colégio. Falava nove a dez línguas com uma facilidade e um desembaraço perfeitos.

Após ter estudado conscienciosamente os fenômenos, o juiz *Edmonds*, não só reconheceu a existência dos factos como também a sua interpretação pela hipótese espírita.

Na sua instrutiva obra «*The American Spiritualism*», que tanta sensação causou, no momento, na América, êle assim se expressou quanto a veracidade dos fenômenos que observou, confessando lealmente a sua opinião: — «Eu acreditava chegar a uma completa decepção; mas minhas investigações me levaram a um resultado diferente».

Essa atitude desassombrada do ilustre juiz, causou grande estupefação e indignação á alta sociedade

americana, a tal ponto, que o levou, para ser coerente com ela e com a própria Verdade, a demitir-se das funções de magistrado!

Homem altivo e de caráter ímpoluto, não hesitou em sacrificar seu interesse pessoal ao que êle considerava como sendo a Verdade.

É o próprio pai da moça, o juiz *Edmonds*, quem nos relata êstes factos, pela forma abaixo, cujos detalhes se encontram no 3.º volume da obra de Camilo Flamarion — «*A Morte e Seu Mistério*», página 368 (edição Briguiet).

Vejamos:

— «Estrangeiros puderam conversar por seu intermédio com seus amigos defuntos, em sua língua. Dentre muitos deu-se o facto seguinte: Uma noite recebi a visita de um estrangeiro de nacionalidade grêga chamado Evangelides, que não demorou a conversar com Laura nessa língua. No correr da conversa mostrou-se muito comovido derramando até lágrimas. Seis ou sete pessoas estavam presentes e uma delas perguntou-lhe qual a causa da sua emoção. O interpelado furtou-se a uma resposta direta dizendo que eram cousas de família.

No dia seguinte renovou a conversa com Laura e como em minha casa não houvesse naquela ocasião nenhuma pessoa estranha, deu-nos a explicação desejada: a personalidade invisível com quem conversava por intermédio de Laura dizia ser um seu amigo íntimo, morto na Grécia, o irmão do patriota grêgo Marcos Bozarris. Êsse amigo o informava da morte de um dos seus filhos, dêle, Evangelides, o qual ficára na Grécia e deixára em perfeita saúde quando partira para a América.

Dez dias depois da sua primeira visita, o estrangeiro nos avisou que acabava de receber uma carta participando-lhe a morte de seu filho; essa carta devia estar em trânsito por ocasião da sua primeira conversa com Laura.

Desejaria que me dissessem como devo encarar êsse facto. Negá-lo é impossível, pois é demasiado flagrante. Nesse caso também poderia negar o sol que nos alumia.

Considerá-lo uma ilusão, não o poderia tão pouco, pois não se diferenciava em nada de qualquer outra realidade comprovada em qualquer época da nossa existência.

Isto passou-se perante oito ou dez pessoas, instruídas todas, inteligentes, ponderadas e tão capazes de diferenciar uma ilusão de um facto real como qualquer outra. Seria ocioso pretender que fosse o reflexo dos nossos próprios pensamentos; nunca tínhamos visto êsse homem, sendo-nos apresentado por um amigo naquela mesma noite. Aliás supondo mesmo que os nossos pensamentos tivessem podido lhe comunicar a idéia da morte do filho do senhor Evangelides, como teriam podido conseguir que Laura compreendesse o grêgo que nunca ouvira?»

\* \* \*

Outro facto de observação directa do juiz *Edmonds*, também por êle próprio relatado no seu livro «*Lettres sur le Spiritualisme*» (páginas 118 a 120), publicado em *Nova York*, em 1860, e anotado pelo grande pesquisador *Alexandre Aksakof*, na obra «*Animisme et Spiritisme*», página 419, é o seguinte:

— «Um dia uma individualidade desconhecida fez com que minha mu-

lher falasse o mais puro dialeto escocês. Tinha tomado o nome de uma senhora de *Paisley* (Escócia); essa pessoa nos anunciava sua morte que se dêra, dizia ela, naquela cidade alguns dias antes. Soubemos que era a avó de um dos membros do nosso grêmio, a qual viêra à América havia cêrca de um ano. Três ou quatro dias depois, a mesma individualidade se manifesta por intermédio de uma moça, *Senhorita Scongall*, de *Rockfort (Illinois)* a qual não sabe nada de escocês; anunciava igualmente sua morte empregando o mesmo dialeto que lhe era familiar e comunicava diferentes pormenores a respeito da casa em que habitava, do jardim, das árvores, etc. A Srta. *Scongall* não estivera presente a primeira manifestação dessa senhora e nem sabia a mínima cousa do facto. Um moço directamente interessado nessa comunicação fez diversas perguntas com o fito de verificar a identidade da individualidade que se manifestava; informou-se das pessoas que conhecera na Escócia e recebeu respostas satisfatórias a todas as perguntas que fez. O mesmo espírito se manifestou em várias sessões consecutivas e deu provas inegáveis da sua identidade. A convicção do interlocutor de que falei foi tal que escreveu imediatamente aos amigos da Escócia para participarlhes a morte da avó tendo o cuidado de indicar qual a fonte da informação. As cartas que recebeu confirmaram completamente a notícia».

Voltaremos ao assunto.

## Livre Análise das Cousas

Campos Vergal

— Como surgiu a idéia dos castigos divinos?

— Remontemos aos tempos em que a espécie humana, nas mais diversas regiões e épocas, começou a libertar-se do animalismo. Subjugada pelo terror que inspiravam as potências naturais, concebeu e viu no raio, no furacão, no terremoto, nas epidemias, nos trovões, as manifestações directas de divindades irascíveis,

crueis, que se compraziam em torturar os homens. Daí o prestígio e o pavor de milhares de deuses, de lupãs, de jupiters, de cíbeles, de junos, de saturnos, de marduques, de istars, de baal-molóques, de chivas, de jeovás, de tanís, de alás, de parabramas, de zeus, de osíris, de vótans, cada qual com sua imensa côrte, desde as musas e as graças dos gregos até as ondinas e as valquirias dos germanos.

\* \* \*

— Como devemos agir: amedrontando as criaturas com castigos e ameaças ou procurando incutir-lhes conhecimentos?

— É funesto e retardatário o processo de ameaças de castigos post-mortem. O terror da morte preconizada e ministrada pelas religiões antigas obumbra, escurece completamente a beleza, os encantos da vida. É tempo de se ir substituindo o cárcere físico ou mental das ameaças e das imposições jupiterianas pelas escolas da liberdade de consciência, de pensamento, de livre análise, iluminadas pela sabedoria véramente espiritual.

\* \* \*

— Por que comete o homem tantos erros?

— Porque sua razão ainda não desabrochou integralmente; ainda não lhe brotou no íntimo a verdadeira consciência da imortalidade evolutiva do espírito, êste peregrino do infinito; deixai-o, porém, em sua grande e inexorável luta, e êle irá adquirindo experiências necessárias e cultura espiritual, que ilustra e abranda; então sua razão poderosa arrancará à natureza seus íntimos arcanos e conhecerá a existência de outros milhões de planetas esparsos pelos infinitos, onde habitam humanidades suas irmãs regidas pelas leis supremas de sabedoria mental e mecânica celeste. É para se chegar a isso é que ha inscrito, no frontespício dos astros e na vibração das moléculas, na suavidade do pássaro que canta ou no sentimento da mulher que chóra, esta legenda sublime: sempre para a frente e para o alto!

\* \* \*

— Chóca-se o Espiritismo com os princípios de evolução dos sábios materialistas?

— É mistér que se diga inicial-

mente que os maiores sábios do «evolucionismo das formas» são: Buchner, Haeckel, Darwin, Fritz Muller, Spencer e outros. Suas teorias relativas à evolução, destendendo-se do protoplasma às formas animais, ou da maneira ao homem, são profundas e grandiosas; embora materialistas disseram mais verdades do que muitos «espiritualistas» dogmáticos, cristalizados, que não as puderam ou não as quiseram compreender.

\* \* \*

— Qual a diferença fundamental entre essas duas correntes evolucionistas: a espírita e a materialista?

— A diferença essencial está em que os filósofos materialistas estudaram e esposaram o problema da evolução, apenas unilateralmente, apreciando só o drama evolucionário das formas; ao passo que os evolucionistas espíritas (bem como os teosofistas, os rosacruz e os esoteristas) aceitam e ensinam essa evolução, e sabem e afirmam que através dessa longa cadeia evolucionária, o elemento essencial é o espírito (somos nós e não o nosso corpo) que vem operando, dentro da lei da multiplicidade das existências, a sua marcha progressiva, ascendente. Cooperam brilhantemente no esclarecimento dêste magno problema os grandes escritores espíritas: Kardec, Flammarion, Delane, Léon Denis, Oliver Lodge, G. Trespioli, Blavatski, Anie Besant, Emanuel (êste com suas últimas e brilhantes mensagens vindas por meio da extraordinária mediunidade psicográfica do nosso sempre caro Francisco Candido Xavier).

Sejamos justos: não nos esqueçamos, todavia, que a civilização muito deve aos sábios materialistas do transformismo e do evolucionismo, pois, foram êles que, aqui no ocidente, prepararam campo afim de que, um pouco mais tarde, jorrassem as luzes do Espiritismo, no vasto cenário das atividades humanas.

---

*Ou exemplificas, ou te igualarás áqueles dos quais te queres fazer censor — primordialmente na moral — êsse par de azas que o Evangelho te oferta para a ascensão.*

# Mundos de Ilusão

*Lição de Zodíaco em Inglaterra no dia 2 de Fevereiro de 1941, por intermédio da Srta. Winifred Moyes, em transe. Traduzido do jornal «The Greater Word».*



**I**RMÃOS e irmãs, venho perante vós como missionário enviado por Cristo, o Mestre, sabendo que poderei esperar de muitos um bom acolhimento e que nos encontramos como camaradas na grande luta que nos foi confiada. A' medida que os dias irão correndo, mais lutadores virão, os quais, possuindo o espírito de sacrifício, se honrarão por se confessarem cristãos e, mais do que isso, por levantarem a sua cruz e seguirem a Cristo em espírito e verdade.

Fui pois mandado hoje à vossa presença afim de vos falar sôbre um assunto que ficará gravado nas mentes de muitos: Intitula-se, *Mundos de Ilusão!*

Peço-vos, meus irmãos, que sejais justos, sôbre tudo na vossa maneira de pensar, que tenhais a coragem de vos desembaraçardes das falsas opiniões, das idéias do mundo e das atitudes mundanas, fazendo a diligência de vos identificardes com a Realidade, não sómente para poderdes adquirir a liberdade agora, mas porque no estágio vindouro sereis obrigados a encerrar essa Realidade! Deveis, de facto, possuir um espírito intrépido que vos permita transportar-vos ao futuro sem que o vosso carácter o impeça, aliás as ilusões vos envolverão como cadeias. E existem muitas armadilhas em que os incautos poderão cair.

**A parcela da Verdade que, no ambiente físico é dado alcançar**

O que é a ilusão e o que é a verdade? Tendes aqui um plano material, e nêle existem coisas que são tangíveis, que, para alguns, representam tudo quanto a vida pode mostrar. Muito se tem, de facto, acumulado durante gerações, e muitos homens e mulheres se curvam perante a mentalidade de outros, mas esquecem que os dons da mente provieram do Mestre de toda a Sabedoria e que, em vista das limitações do que é material, restritas teem de ser suas aptidões!

Seguindo por uma viela campestre, vos sentis em presença da beleza, da força e da vida. Quantos não se deteem a meditar nos fragmentos de vida, de beleza e de vigor que se podem manifestar nêste plano da matéria! Procederão ajuizadamente se louvarem a Deus por tudo quanto lhes tem sido concedido. E' por culpa do homem que existe a limitação e que apenas um reflexo da beleza pode atravessar a mente corporal e ficar ao alcance dos olhos cegos do corpo físico!

Vós viveis em um mundo de ilusão, mas a ilusão pode desempenhar o seu papel. O perigo, meus irmãos, está em o homem tomar a Ilusão pela Realidade. Quando êle julgã que sua mente está apta a lidar com a Verdade e a assimilar a verdadeira sabedoria, sucede que uma sebe se levanta em tórno de sua alma cativa e, visto que essa cêrca ali se encontra pelo livre-arbítrio, êle vai vivendo em um mundo de ilusão, não sómente nêste plano como, por ventura, em muitos outros.

Na vida em que entra, outros existem com sensatez semelhante á sua e também cheios de orgulho mental. Julgam-se mestres da sabedoria, não obstante terem apenas entrado na escola. Mas, desde que os escutem, os instrutores vão falando, embora os ouvidos daqueles sejam por demais refractários ás vibrações do espírito. A mente humana pode, durante o estágio físico vir a ser um instrumento muito útil e sensato, porém dentro dos limites da influência que exercer sôbre ela a mente do seu espírito.

## O restólho da decepção própria

O que é que provoca a guerra? A mistificação, meus amados, é certamente a sua causa! E não esqueçais de que os que não se estorçarem por se livrarem da ilusão, serão mistificados pela sua própria fantasia. Povoam seu pequeno mundo com as criações de sua limitada mente e consciência embotada, e essas criações subsistem depois de atravessado o rio da mor-

te, porque foram gerados pelo livre-arbítrio, pelo culto da própria personalidade, pelo desprezo das palavras de Cristo, o qual, por todos os tempos, representará a Sabedoria.

O que é que provoca a guerra? Não será isso porque os homens estão mistificados quando julgam que o poder terrestre é coisa que valha a pena adquirir; e, ainda mais, que vale a pena obtê-lo, à custa da própria alma? Não devemos condenar somente a êles: Outros existem que, de boa vontade, venderiam o seu direito de progeneração por um prato de lentilhas (Genesis 25/29). São êsses os muitos que se entregam a traficâncias comerciais! Entretanto, não esqueçais que os negocios do homem, na terra, podem também ser coisas do serviço de seu Pai. (Ev. de São Lucas, 2/49).

Já, em outras ocasiões, tenho dito que sois destinados a trabalhar e a lutar afim de achar os meios de subsistência para aqueles que dependem de vós. Mas, neste mundo de ilusão, ha muitos que adquirem as coisas da terra em troca dos tesouros do espírito: Quando esta curta estadia lhes chegar ao fim, êles se apresentarão falidos e humilhados perante os de sua raça! Foram sensatos, segundo a opinião do mundo, porém grandemente estultos no ambiente da Realidade.

### O valor relativo da vida individual

Por isso, meus amados, encontrais os que se levantam pretendendo ser como deuses e, de tal modo obcecados pela vaidade, que julgam poder dominar as fôrças do Altíssimo, poder ultrajar a Natureza e as suas leis, que podem tornar-se reis de qualquer domínio. E assim, por seu mundo illusório, eles vão seguindo cegos ao futuro sem pensar que, perante Deus, êles individualmente, representam uma só vida, uma só alma; que os filhos de Deus de outras terras, com inteligência que ainda mal desabrocha, não são de menor importância, que são igualmente amados e que seu futuro poderá vir e estar carregado de poder.

Desejo que tenteis imaginar em que espécie de mundo entrarão os iludidos — os que entendiam que a terra era o único mundo digno de ser tomado em consideração e a vida física o princípio e o fim de tudo!

Vêdes, meus amados, por esta refe-

rência aos homens em situação proeminente, que o mesmo acontece a todo aquele que segue o seu caminho sem querer prestar atenção aos factos que interessem à sua própria alma. Êsses homens podem dominar, em grande escala, as vidas de outros ou de alguns dentro da sua roda de amigos, e sua responsabilidade depende da área em que espalharem o mru grão; e quanto mais larga ela for mais tempo levará a limpar!

### As ilusões que levam à mistificação

Os que se deixam dominar pelas influências materiais, os que acham tão difícil ser honestos para consigo mesmos e para com os outros estão criando, em volta de si, um mundo de ilusão. E não esqueçais isto: Visto não ser possível intervir no livre-arbítrio de cada qual, existem muitos estágios, depois da morte física, que também o são de ilusão e de mistificação; e se, no vosso plano, os chamam «infernos», a verdade inflexível é que são produtos da mentalidade humana, emanações de pensamentos limitados, males da alma transmudados nas presentes manifestações! E isso sucede porque o homem é um criador que dá vida tanto ao suave e belo como ao abjecto e vil, sem que a ninguém seja dado intervir. Existem outrossim muitos espíritos cativos dispostos a prestar a sua assistência, bem como incontáveis espíritos angélicos desejosos de rectificar e de reedificar sobre as cinzas do passado um edifício segundo as ambições do espírito.

Bastaria que o homem tivesse tido a coragem de afrontar os factos, para não poder absolutamente haver guerra neste mundo nem quasi existirem doenças. Os infortúnios, a destituição e as lágrimas vertidas em silêncio, não teriam tido lugar. Porém o homem ama os seus múltiplos mundos de ilusão, a criança troca os seus ideais por idéias, as antigas crenças são afastadas, o indivíduo permite que suas ambições deslustradas alcancem o seu horizonte, segue amontoando o lixo, iludindo-se a si mesmo e enganando os outros por algum tempo.

Por que estou falando assim? Meus amados, é porque em um mundo material è bem difícil, ainda mesmo para uma alma esforçada, é dificultoso conservar uma senda desimpedida, abrir caminho pela mata da incompreensão e afastar os estôrvos da mentalidade humana!

### Como a sinceridade no presente permite ao homem pôr-se em contacto com a realidade do futuro

Queria que meditasseis nesta grande verdade que a todos interessa: Paralelamente ao vosso presente desejo de serdes sinceros, vos estais esforçando por moldar a vossa vida em factos espíritos que haveis reconhecido; e, assim, meus amados, quando passardes pela transição que se chama morte, estareis habilitados a distinguir e a pôr-vos em contacto com algumas glórias da Verdade e a ver manifestações maravilhosas da beleza da Mentalidade de Deus, expressas nas emanações espalhadas no ambiente pelos homens e pelas mulheres de coração humilde, pelos que foram leais para consigo e para com os outros, contribuindo assim inconscientemente com o azeite para a lâmpada que nos dá Luz! Nunca mais serão êles dominados pela ilusão e estarão libertos dos horrores do passado, do amálgama lançado no ambiente pelos homens e mulheres que não tinham procurado, por julgarem que sabiam tudo; não procuraram, aliás teriam achado! (Ev. de São Matheus, 7/7).

O que me compete fazer é esboçar a Verdade, e peço-vos, meus irmãos, que tomeis o fio dourado da sabedoria procurando, em solidão e silêncio, desfazer o nó da vida humana e distinguir, no ambiente que vos envolve, aquilo que é ilusão e aquilo que é verdade e ver até onde tendes permitido que os pensamentos alheios vos enganem e desencaminhem.

E se o investigador justo e sincero prosseguir em suas pesquisas, ha de verificar que todos os trabalhos do plano terrestre e todos os êrros do passado nasceram da aversão do homem a encarar os factos e a ser honesto e a pensar cuidadosamente. A vida material tem o seu lugar; e é porque o homem tem sido mal instruído que ela se converte em atoleiro do qual lhe parece ser bem difícil de desembaraçar-se. A vida material é parte da lição que a alma do homem tem de aprender . . .

**Homem, conhece-te a ti mesmo!**

Sei que se encontram aqui presentes alguns que se oferecerem perante o Altar, os quais não voltarão para trás. Mas ha outros, tanto visíveis como invisíveis, que não perceberam ainda em que

espécie de mundo estão vivendo, que teem deixado de pensar em sua natureza angélica e no que ela abrange — fisicamente como dizeis com referência ao envoltório carnal; mentalmente em à organização humana — e enquanto não entrarem em luta com sua própria personalidade, sua individualidade não se poderá libertar.

*Homem, conhece-te a ti mesmo!* E, quando êsse conhecimento vier, chegará também a verdadeira humildade de coração e se elevará uma prece pedindo a emancipação da escravidão. E o abandono do mundo de ilusão, importa na conquista de uma parcela da paz!

A ciência tem de ser comprada pelo seu preço. Sómente a verdadeira sabedoria, os tesouros do coração e da mente, podem ser adquiridos por dádiva. Mas, passo a passo, o indivíduo honesto e verdadeiro não segue apenas pelo caminho mundano da sabedoria, mas está inconscientemente palmilhando a estrada luminosa da revelação; e as minhas palavras não poderão exprimir a alegria que isso trás aos que humildemente buscarem. Muitas coisas aguardam os que se encontram sôbre o plano terrestre! Poderá parecer-vos que estais vivendo em tempo de terror, em tempo de perigo: Isso é apenas uma ilusão; coisa alguma pode afetar a personalidade íntima! Tendes tomado a vosso cargo o passar por certas vicissitudes para que, quando libertos do cativo da carne, possais estar habilitados a entrar em contacto com a Realidade. Poderão existir perigos em volta, talvez de natureza física, porém o único perigo que o homem tem a temer é aquele que foi criado pela sua mente; a relutância em se afastar do mundo de ilusão que lhe é tão caro, mas que respeita, tão sómente, à vida material com suas múltiplas formas imperfeitas e enganosas!

Mas eu vos estou falando com muito amor, e peço ao Pai que vos dê força e que o manto alvo da Verdade seja lançado sôbre vossos ombros. Nascerá então em vós a compreensão de que o único mundo que interessa à vossa personalidade íntima é a Casa de Deus, a realização de que a única lei que deve reger a vossa vida é a Lei de Cristo e de que um só perigo é para temer e evitar: o olvido do vosso futuro e o esquecimento de Aquêle de Quem proviestes e a Quem pertenceis!...



# Trinta anos entre os mortos

Autor: Dr. Carl A. Wickland

(Tradutor: Dr. Francisco Klors Werneck, conforme direitos concedidos ao mesmo).

(Continuação)



elatarei outro incidente para que se veja até que ponto incrível os espíritos se apegam aos seus corpos físicos, por ignorância de sua transição, chamada morte.

Tínhamos na sala de disseção, o corpo de uma mulher de cerca de 40 anos de idade, que havia falecido no «Cook County Hospital», de Chicago, no mês de Junho. Em Janeiro, ou seja sete meses depois da sua morte, um grupo de estudantes, inclusive eu, foi designado para dissecar êsse cadáver. Eu não pude estar presente na primeira tarde porém os outros iniciaram o seu trabalho. Nada me foi dito do que ocorreria durante essas poucas horas, porém, por alguma razão por mim desconhecida, os outros estudantes não mexeram mais no cadáver.

No dia seguinte, não havia aula á tarde, de modo que eu comecei a dissecar sózinho, trabalhando no braço e no pescoço. A sala de anatomia ficava no fim de uma longa construção, em lugar muito quieto, de modo que ouvi uma voz dizer distintamente: «Não me mate!»

A voz sôou fracamente como se viesse de longe, porém como eu não sou nada supersticioso nem tão pouco inclinado a atribuir pequenos incidentes a ações de espíritos, concluí que, provavelmente, provinha de crianças da rua, embora eu não tivesse visto na redondeza nenhum grupo de meninos.

Na tarde seguinte, eu me encontrava de novo trabalhando sózinho quando fui surpreendido pelo ruído proveniente de um jornal caído no chão, um ruído algo parecido como quando se amassa um papel, porém eu não dei nenhuma importância a essas ocorrências e não as referi á minha esposa.

Não me recordei dêsses episódios senão alguns dias depois. Havíamos organizado um círculo espírita em nossa casa e nossos colaboradores invisíveis já haviam partido, quando eu verifiquei que a

minha esposa ainda permanecia em um estado semi-comatoso. Aproximei-me da mesma para observar o que sucedia quando o espírito que se havia incorporado nela, se levantou de súbito, me deu uma pancada e disse:

— «Temos umas contas a ajustar!»

Ao cabo de um período de luta com o espírito desconhecido, perguntei-lhe de que se tratava.

— «Porque o senhor quer matar-me?» perguntou a entidade.

— «Eu não estou matando ninguém», respondi-lhe.

— «Está sim! O senhor está cortando o meu braço e o meu pescoço. Pedi-lhe que não me matasse e fiz barulho no papel do chão para espantá-lo, porém não me deu atenção!»

Depois, rindo gostosamente, o espírito acrescentou com grande hilaridade:

— «Mas eu espantei os outros camaradas!»

Tive necessidade de explicar-lhe longamente qual era a sua atual situação espiritual e, dizendo-me ter-se chamado Minnie Morgan (\*) compreendeu o seu estado e partiu, prometendo-me buscar uma vida superior.

A facilidade com que os espíritos se incorporam na Sra. Wickland é tal que a maior parte deles não chegam, logo, a compreender que são os chamados «mortos» e que estão, temporariamente, ocupando um corpo alheio.

É fácil fazer compreender ás entidades, cujas faculdades de raciocínio estão alertas, o estado anormal de sua situação. Basta fazer-lhes ver as dissemelhanças entre os seus corpos, mãos, pés, roupas, e os da médium.

Isto sucede, especialmente, quando se trata de um espírito de homem porque lhe salta aos olhos a diferença. Ao fazer-lhe notar que o corpo de que se es-

(\*) Vide Capítulo 8, espírito Minnie Morgan.

tá servindo pertence á minha esposa, o espírito habitualmente diz: «Não sou sua mulher» e uma boa explicação é precisa para que entre no conhecimento de que está na posse temporária do corpo de uma outra pessoa.

Por outro lado, ha espíritos teimosos e enraizados em obstinado cepticismo, que recusam, peremptoriamente, a crer que fizeram a sua transição do corpo físico. Esses não querem raciocinar e dar-se por convencidos de sua nova situação, até mesmo quando um espelho é colocado diante de si, dizendo que foram hipnotizados e se mostram tão endurecidos que são deixados ir aos cuidados dos nossos colaboradores invisíveis.

A transferência da aberração mental ou psicose do paciente para o intermediário psíquico, a Sra. Wickland, é facilitada pelo emprêgo da eletricidade estática que é aplicada ao paciente, frequentemente na presença da médium. Embora essa eletricidade seja inofensiva ao doente é, no entanto, de grande eficácia pois o espírito obsessivo não pôde por muito tempo resistir a tal tratamento elétrico e é desalojado. Levado pelos nossos auxiliares invisíveis, o espírito, então, se incorpora na médium, quando é possível entrar-se em contacto direto com o mesmo e uma tentativa se faz de levá-lo à realização da sua verdadeira condição e de suas possibilidades superiores. Ele é, então, removido e cuidado por espíritos adiantados e a Sra. Wickland volta ao seu estado normal.

São muitos os casos em que se obtiveram notáveis provas de que entidades desincarnadas eram a causa determinante da aberração mental, num círculo espírita. Espíritos obsessores tem sido desalojados de vítimas, muitas vezes, residentes em lugares afastados, conduzidos ao círculo pelas entidades cooperadoras e permitidos incorporar-se na médium. Tais espíritos, muitas vezes, se queixam de ter sido obrigados a mudar de lugar, por ignorância do seu estado de espírito, ou de ter acompanhado ou influenciado alguém.

Pela semelhança entre as ações do espírito incorporado e os sintomas do paciente, assim como pelo alívio experimentado pelo último pela remoção do primeiro, indubitavelmente fica provado que o espírito foi a causa do distúrbio.

Em muitos casos, a identidade do espírito foi inquestionavelmente autenti-

cada. Depois dessa transferência e definitiva remoção do obsessivo, o paciente gradualmente recupera a saúde, embora exista ainda um número de espíritos precisando ser afastados do mesmo paciente.

Póde-se perguntar porque os espíritos adiantados não tomam conta dos espíritos terrenos e os convertem, sem a necessidade de incorporá-los num intermediário psíquico. Respondemos: Muitos desses espíritos ignorantes não podem ser esclarecidos por espíritos de luz antes que eles entrem em contacto com a realidade física, quando eles são compelidos a realizar a sua própria situação e, então, partem rumo à estrada do progresso espiritual.

A incorporação na médium de um espírito ignorante, num círculo espírita, geralmente leva o espírito a uma compreensão do seu estado e fornece aos investigadores proveitosas lições, ao mesmo tempo que falanges de espíritos em trevas aproveitam dessas lições ministradas pela doutrinação das entidades comunicantes.

Muitas personalidades comunicantes se portam como dementes e são incapazes de raciocinar, sendo essa condição devida a falsas doutrinas, idéias fixas e várias noções erradas da vida física. Mostram-se, muitas vezes, indomáveis e turbulentos, sendo preciso segurar as mãos da médium para mantê-los comportados.

Ha muitos espíritos que, ao constatarem a sua verdadeira situação, experimentam uma sensação de morrer, o que significa que eles estão perdendo o controle da médium. Outros, ainda, estão em um torpor sonolento e pedem que os deixem sossegados, sendo preciso uma linguagem forte para despertá-los, como se verá nas experiências a seguir. Nessas relações, referências são feitas a um «calabouço» em que espíritos rebeldes são encerrados e espíritos que se incorporam na médium se queixam, muitas vezes, de terem sido encerrados numa «masmorra».

Devido a uma certa lei psíquica, os espíritos inteligentes tem a faculdade de colocar um espírito ignorante numa condição semelhante a uma prisão, uma cela impenetrável da qual não pode fugir. E dentro desse lugar, os espíritos recalcitrantes permanecem, sem vêrem outra coisa que a sua própria imagem e tendo sempre diante dos olhos as suas passadas ações até que se arrependam e deem pro-

vas de estarem dispostos a adaptar-se à sua nova condição e conformar-se com as leis espirituais do progresso.

A natureza da mediunidade da Sra. Wickland é de trance inconciente; seus olhos ficam fechados e a sua própria mentalidade fica ausente num estado de sono, por um certo tempo. Ela não conserva nenhuma lembrança do que transpira durante êsse período de tempo.

Nos intervalos de uma experiência à outra, o estado psíquico da Sra. Wickland não sofre alteração alguma; conserva o seu equilíbrio mental, plena consciência de si mesma e depois de 35 anos de trabalhos espíritas não sofreu o menor transtorno ou dano de qualquer gênero.

Ela é, permanentemente, protegida do lado invisível por um grupo de espíritos superiores conhecido por «Falange do Bem» que guia o seu trabalho, procurando levar a humanidade à realização da simplicidade da transição chamada morte e a importância de um entendimento racional da situação do espírito depois da morte.

O fim do nosso trabalho tem sido o de obter provas incontestáveis com referência à vida póstuma e relatos de centenas de experiências tem sido estenograficamente feitos afim de registrar a exata condição espiritual das entidades comunicantes.

(*Continua*).

## Sôbre a Superstição

Dr. Carlos  
Imbassahy

(*Continuação*)

Para evitar hemorragias, por abertura de veia, partir ao meio no dente, um caroço de feijão e aplicar a metade no lugar ofendido, com a parte branca para baixo.

Para a icterícia, pendura-se no fumeiro um pedaço de algodão embebido em urina do doente; acredita-se que quando a urina séca, a icterícia está curada.

Para a boa dentadura futura, joga-se o dente de leite da criança em cima do telhado e diz-se: moirão, moirão, toma êste dente e dá-me outro são.

Para proteger a criança de males futuros, é necessário, antes de levá-la à rua pela 1.ª vez, mostrar à lua as suas roupas, ou mesmo a criança, dizendo: lua, lua, toma o meu filho e me ajuda a criar.

Para não ter filhos deve-se fazer um enxoval de criança começando pela touca, ou só fazer a touca.

Quando ha uma pessoa fóra de casa, que se demora, para que volte, viram-se-lhe os sapatos ou chinelos em baixo da cama.

Deixar alfinete na costura é prenúncio de que ela volta para ser concertada.

E' bem de ver que tenho procurado tanto quanto possível, empregar os termos conforme são êles enunciados pelo povo, afim de conservarem, por inteiro, a côr local.

Ha algumas superstições já muito conhecidas, mas que não seria de mais lembrar: deve-se entrar com o pé direito, em qualquer lugar, para o bom êxito da empresa que o individuo tem em vista; não plantar pé de xuxú, para não ter que deixar a casa, ou pé de espirradeira, para que as moças da casa não deixem de casar; pôr uma ferradura atrás da porta, para trazer a felicidade; colocar uma vassoura atrás da porta ou três pedrinhas de sal no fogo, para obrigar as visitas importunas a se retirarem; não guardar espelho quebrado, nem deixar tamanco virado, para evitar o azar.

Ha vários factos munidores ou prenunciadores de acontecimentos: derramar assucar é noticia boa, derramar farinha é noticia má; derramar vinho é bom augúrio, o contrario succede com água; cair a faca ou a colher no chão é visita de mulher; cair o garfo é visita de homem; a presença de borboleta ou besouro na cida-

de, é notícia que se está para receber; furar os dedos com alfinete ou agulha tem determinada significação; ter as orelhas quentes é sinal de que alguém fala de nós; quando ha uma mosca importuna é alguém que quer falar conosco; quando a comida nos cai da boca é algum parente ou conhecido que está em aperturas; quando se veste um vestido de barra virada é sinal de que se vai ganhar um vestido novo; quando um guarda chuva cai da mão é sinal de que o individuo não casa no ano corrente; o mesmo acontece quando se pisa em rabo de gato; quando caem as anaguas é evidente que namorado, amante ou marido está enganando; quando se veste uma roupa pelo avesso é bom prenúncio; calçado virado é agouro; quando uma pessoa aparece no momento em que se fala dela, é sinal de que não morre naquele ano; nas mudanças de casa é aconselhável colocar uma moeda de cobre em cima de um movel, na casa nova; não se deve dar presente de lenço branco, porque ha ruptura de amizade; desastre idêntico acontece com as dádivas de objetos perfurantes ou cortantes; louça quebrada em dia de festa é um acontecimento ótimo, — para as casas de louça, acrescentam os cépticos; a noiva deve trazer no dia do casamento um vestuário qualquer de côr; são para temer, o gargalhar da coruja, o uivar do cão; comer na panela é ter como certo que chova no dia do casamento.

\* \* \*

A lista é infindavel. Contemos, a título de *humour*, um caso pessoal.

Conversava eu, na roça, sôbre a fealdade das verrugas, e o desejo que tinha de libertar-me de uma, que possuía numa das mãos, para o que pretendia aplicar o ácido nítrico. E como não ha entre nós, quem não tenha sempre o seu alvitre, em matéria de medicamentos, muitos me foram lembrados na ocasião. Eis sinão quando, alguém alvitrou uma *simpatia*, que seria pronunciar uma frase, aliás não muito conveniente para ser dita em sociedade; quando visse duas pessoas montadas num burro

O facto foi motivo de grande hilariedade, já pela exquiritice da frase como pelo dificuldade do evento: não era comezinho topar-se com um burro montado por dois individuos. — O caso deve ter rareado muito, acrescentava eu = depois da fábula do moleiro. Mal acabava de falar, surgiu na estrada um burro com dois rapazes em cima.

Diga! Fale! -- gritaram de todos os lados, e entre risadas gerais, pronunciei apressada, encalistrada, envergonhadamente, a expressão aconselhada.

Bem é de ver que o fiz, parte por sugestão, em parte por simples pilhéria.

Dois dias depois, um do grupo lembrou-se de me perguntar pela verruga, e eu, que não me lembrava mais do incidente, espalmei a mão: a verruga já lá não estava.

\* \* \*

E' de crêr que as coincidências sejam um grande fator no êxito da credence popular, mas ha casos inexplicáveis dentro dos nossos conhecimentos e que só agora começam a ser entrevistados pelos homens de saber.

Assegurava Shakespeare que ha mais coisas no céu e na terra do que o sonha a nossa filosofia: «*There are more things in heaven and earth...*»

Foi Richet quem alvitrou para o surto de umas tantas faculdades paranormais do ser o nome de sexto sentido, a que alguns aplicam outros termos mais impressionantes como o de criptestesia, metagonomia e por aí além.

Dizia o grande fisiologista: «*Nous sommes entourés de vibrations dont les unes ébranlent, et les autres n'ébranlent pas la sensibilité normale.*» (20)

Essas vibrações que não impressionam a sensibilidade normal não deixam, entretanto, de ser captadas pelo sensitivo e são elas que irão formar a enorme gama dos fenômenos psíquicos.

O nosso sertanejo parece que possui êsse sentido em grande escala e isto talvez se explique por uma dessas dádivas da natureza, que favorecem a criatura extraordinária-

mente, quando lhe falham os predica- dos ordinários.

O cego por exemplo, tem outros sentidos muito desenvolvidos; ha nelles, muitas vezes, uma espantosa hipersensibilidade tactil; caminha desembaraçadamente sem guia e vê, mesmo, sem que se saiba como.

Ha uma espécie de lagarto que, mordido por cobra, corre, mata a dentro, à procura de antidoto.

Dir-se-ia que o matuto possui essa instuição do lagarto, essa nova visão do cego, êsse sexto sentido de que são dotadas inúmeras criaturas.

Ficaria, assim, explicada a faculdade que possui de curar-se e curar os outros, sem que precisemos invocar contra êle os rigores do Código, ou lhe dar o epíteto de charlatão, ou chamar de superstição o seu dom terapêutico, ou ter a sua faculdade como um produto da mais crassa ignorância.

Ela viria, apenas, suprir a falta do médico, nessas opulentas regiões do Brasil, onde ainda não se fizeram sentir a ação dos trilhos, da picareta, do livro e do quinino.

Não ha desdoiro em acreditar nas curas, fóra dos canones academicos, visto que as maiores notabilidades do mundo científico também acreditam nelas.

Lembra Carrel :

«Em todos os paizes, em todas as épocas, acreditou-se na existência dos milagres, na cura mais ou menos rápida dos doentes, nos lugares de peregrinação, em certos santuários. Mas, com o grande surto da ciência no 19.º século, essa crença desapareceu completamente. Admitiu-se, em geral, que, não só o milagre não existia, como não poderia existir. Do mesmo modo que a termodinâmica torna impossível o movimento perpétuo, também as leis fisiológicas se opõem ao milagre. Essa attitude é hoje, ainda, a da maior parte dos fisiologistas e dos médicos. Entretanto, não é ella sustentável, em face das observações que agora possuímos. (*Cependant, elle n'est pas tenable en*

*face des observations que nous possédons aujourd'hui.* (21)

Richet, no seu trabalho *A Grande Esperança*, tem um capítulo, em que trata das curas milagrosas, curas que afirma existirem em grande escala: *il y en a beaucoup*. A êsse capítulo deu êle o título de *L'inhabituel dans la biologie*. (22)

Reporta-se êle, entre outras, à cura de uma tuberculosa desengana- da, e cuja morte, fica como certa, os médicos previam para breve. O facto já vinha assinalado por Duchâtel. (23)

Kerner descreve-nos, com todas as minúcias, a cura psíquica da condessa Von Maldegheri, pelos dons psíquicos da vidente de Prevorst. (24)

Magnin, que se dedicou, por muitos anos, ao estudo das doenças mentais, introduziu na sua vasta clínica os processos que chamou de espiritoides (25)

Refere o Dr. Wickland que, pelos mesmos processos, trouxe vários loucos à razão, quando já estavam êles fadados a viver nos asilos e casas de saúde. (26)

O Marquês de Santa Clara espantava-se de que, entre os casos de curas psíquicas, se pudessem contar também os diagnósticos «que iam muitas vezes de encontro aos dos médicos e que eram muitos mais felizes.» (27)

(Continua)

(20) Charles Richet, *Notre Sixieme Sens*.

(21) Dr. Alexis Carrel, *L'Homme, cet Inconnu*, pg. 170 — 1935.

(22) Charles Richet, *La Grande Esperance*, pg. 119, ed Montaigne.

(23) Duchâtel e Warcollier, *Les Miracles de la Volonté*, Paris, p. 89-96—1913.

(24) Dr. Justinus Kerner, *Die Seering von Prevorste*.

(25) Dr. Emile Magnin, *Devant le Mystère de la Nevrose*.

(26) Dr. Carl A. Wickland, *Thirty years among the Dead*.

(27) M. Santa Clara, *Un tanteo en el Misterio*.



# \* A Eutanásia é um Delito \*

© Joaquim Branco ©

A expressão grega *eutanásia*, empregada na medicina, corresponde em nosso idioma a boa morte, *morte suave, calma*, praticada nos moribundos nos paroxismos da morte, supondo dessa arte, aliviar o paciente de prolongados sofrimentos na crise final.

Este piedoso delito, apesar da humanal intenção, não deixa de ser abominável e carecedor de especial classificação no catálogo dos homicídios. «Um sujeito com carta de doutor merece crédito; e, a arte que êle pratica, excede a todas».

A perpetração da eutanásia, no capítulo do que é piedoso, corre parrelha com a caridade dos selvagens australianos, que racham o crânio dos velhos a golpes de clava quando atingem a fraqueza senil. Ora, a prevalecer êste bárbaro uso da eutanásia na medicina acadêmica, os selvagens australianos já fizeram jús às benemerências pela primasia da invenção e das carícias da eutanásia, abreviando nas criaturas de Deus as delongas da morte. Também, oh! progresso na acadêmica, mata-se com mais elegância e cientificamente.

## MÉDICOS!

«A vida e não a morte em nossas mãos tenhamos».

Quem poderá avaliar o número de vítimas por êsse mundo afora sacrificadas à unção da eutanásia? Forçosamente em milhares, si atentarmos nos milhares de facultativos que se enganaram nos prognósticos agourentos de enfêrmos, julgados irremediavelmente perdidos, e que, preservados da graça eutanásica, volveram à vida de clausura no corpo somático, permanecendo nele largo espaço de tempo, que lhes foi proffícuo, como em diversos outros semelhantes,

que já tivemos oportunidade de relatar.

Para ilustrar o que vimos analisando, vamos divulgar mais um caso, rigorosamente autenticado e assaz instrutivo no ponto de vista teórico». É o de Luiza Michel que, preservada, das delícias da eutanásia, logrou regressar à vida na materia e descrever as impressões de sua agonia, e de como podia ler com os seus dedos. É o que vamos traduzir do periódico *Gil Blas* de París, publicado a 5 de Junho de 1904, relatado por um de seus colaboradores, o sr. Robert Chauvelot, que acabava de entrevistar a famosa anarquista Luisa Michel, a «Virgem Vermelha», ha pouco curada de uma violenta pneumonia que a prostrara em Toulon. Os jornais se ocuparam de sua moléstia como de um dêsse casos absolutamente desesperadores.

A velha revolucionária (tinha passado os 68 anos de sua idade) confirmou ao seu visitante que sua cura foi verdadeiramente de causar assombro aos médicos. Basta-nos dizer que ela passou durante 36 horas em estertor. Justamente no curso desta agonia foi que ela passou por impressões estranhas e sensações que a molestaram, as quais esforçou-se para explicar ao sr. Chauvelot.

«A aproximação da morte, disse ela, dá aos sentidos e ao organismo uma acuidade e tensão extraordinárias. Posso garantir-vos que meu cérebro e memória não me falharam um só instante. Examinei, notando tudo que comigo se passava, como observadora paciente e metódica; analisei, por assim dizer, todos os minutos passados em agonia.

Durante êsse estado os pensamentos se materializaram. Assim foi que a guerra russo-japonêsa se me apresentava como um enorme charco de sangue, que subia até mim,

sem cessar... as épocas novas se pareciam pináculos cada vez mais radiosos».

Por muito interessante êste episódio, interrompemos a narrativa, para notar o símile com o que se passa na desagregação do «espírito» durante o sono, em que o pensamento toma formas emblemáticas, ou melhor dizendo *plásticas*, palavra esta empregada por C. Du Prel. O mesmo fenômeno ocorre ordinariamente na adivinhação, ocasionando quasi sempre necessária a *interpretação* do sonho ou da profecia.

Depois de pequena pausa, Luisa Michel apostrofou seu interlocutor.

«Estou a perceber, que vos acode a mente, taxar me de visionária ou mais singelamente de relegar tôdas essas materializações a conta de delírio físico... Desenganai-vos Snr.! conservei ilesa a consciência, isenta de qualquer ambiguidade e absolutamente clara. Aí estão os médicos para atestar.

«Ainda não é tudo. O que vai vos parecer ainda mais prodigioso, mais inverossímil e mais abracadabrante, é a incrível intervenção de minhas faculdades sensoriais. Quereis um exemplo? Aí tem! eu lia com meus dedos... *Sim, li com meus dedos!...*»

E para precisar sua afirmação, Luisa Michel estendeu uma emagreci-

da mão de dedos ligeiramente espatulados.

«Nessa tarde, disse ela, Carlota, — minha amiga de ha 15 anos, — depôs no meu leito um maço de telegramas e mensagens de simpatia... quasi... de condolências. Nós estávamos na mais completa obscuridade. Com um gesto irrefletido, ás apalpadelas, eu tateava um a um os telegramas e sem discrepância ia indicando não só a proveniência como o conteúdo. Chamai isto intuição, preciência ou mesmo ocultismo... pouco importa. Os factos aí estão fiel e rigorosamente exátos».

— «Por que sensações passastes, ao entrardes na crise final do estertor?»

— «Pareceu-me, no começo, estar submetida a uma ordem de corrente invencível, que me impelia a deslizar dentro dos elementos e das coisas. Em seguida senti a impressão de disseminação das moléculas do meu ser, como sói acontecer com certos odores sutis... Sentia-me tomar o vôo, escorregar indefinidamente; essa sensação de escorregamento me era de grande suavidade, quasi agradável. Contrariamente, me foi horrível o sofrimento quando me senti readquirir o perdido. Pareceu-me então, que todas as partes de meu organismo se ajuntavam, de novo, depois de uma deslocação e tomavam vida harmonizando-se umas com as outras».

## Durante o Sono

ANTONIO LIMA

— VII —

Conservo o título, embora desta vez não venho abordar os fenômenos que tem sido objeto destes rabiscos. O título é para não perderem a pista.

Em uma sexta-feira santa reunimo-nos em sessão privativa com a natural comoção despertada pela data e a esperança de que nos fosse concedido assistir a algum trabalho

fora do comum, qual em datas idênticas obtinhamos, deixando-nos o coração embalsamado pelas consolações refletidas do dia da paixão, no qual dir-se-ia que toda a natureza chora.

A prece de abertura, ao Meigo Nazareno, fôra um gemido de angústia de almas calcinadas pelo sofrimento. Esperou-se a esmóla do cru-

cificado. Súbito liga-se ao médium um Espírito violentíssimo, infenso a ouvir-nos por se dizer ateu e irritar-se ao escutar-nos pronunciar o nome de Deus.

A exortação durava mais de meia hora sem resultado. Supunhamos bem difícil a conversão de semelhante creatura naquele dia de compunção no qual a sensibilidade não logra atingir corações empedernidos.

Despejava-se toda a lógica convincente, o repositório dos argumentos morais se esvasiara finalizando-se por invocar o nome de Jesus Cristo, apontando-o como aquele que mais sofrera na Terra. Foi o ponto nevrálgico. O Espírito teve então esta resposta: Pois eu quero sofrer o que êsse Jesus sofreu!

Notem os meus leitores que havia nessa exclamação uma incontestável manifestação da vontade. Era dêle exclusivamente o desejo de sofrer quanto Jesus. Ninguém alí lhe impuzera êsse tremendo martírio. É como a vontade, sendo uma das mais ricas prerrogativas do homem, corolário que é do livre arbítrio, Jesus fez-lhé a vontade.

Habitado aos fenômenos de idêntica natureza, pedi aos companheiros a máxima concentração, esperando infalivelmente o espetáculo do suplício da cruz. Estávamos silenciosos como se fomos assistir à tragédia do Calvário.

O Espírito mostra surpresa e começa a murmurar palavras de medo quando lhe mostram o grande madeiro. Então eu tenho de carregar isso, perguntava êle a alguém que se apresentava. E ergueu-se da cadeira como que forçado por um braço invisível. Curvou-se para o chão, apavorado e a gemer angustiadamente de tal modo que todos nós soluçávamos silenciosamente. Depois dobrou o corpo e pôs-se a arrastar-se de joelhos. Era demasiado o peso da cruz. Levantou-se a seguir, caminhou para junto da parede da sala, abriu os braços, sentiu o trespassar das lanças e pregarem-lhe os cravos. Cruzou os pés, descaiu a cabeça para o lado,

provou o fêl e o vinagre, soltou um grande gemido e exalou o último suspiro. Experimentava a dolorosa sensação da morte.

Breve foi o silêncio. O médium aproxima-se da sua cadeira e senta-se extenuado.

A transformação do Espírito fôra radical. Chefe de uma falange de trinta sequazes, alí viera com intuítos hostis de destruição, mas o que vira e sentira sobretudo havia-lhe produzido em uma hora o que talvez não fosse possível em cem anos. Milagres do Divino Mestre.

Respeitando aquela dôr sagrada não ousamos interpelá-lo sôbre o que passara. Era êle quem tinha a palavra.

Confessou então lealmente as intenções do seu grupo, mas, assim como êle, todos alí assistiram á crucificação e de joelhos em terra todos foram convertidos.

São assim os trabalhos das sextas-feiras santas, quando ha homogeneidade e bons médiuns.

Igual resultado de imposição da vontade de um Espírito obsessor tive-o eu depois de dois meses de luta na qual não me fartei de invocar o nome de Jesus, até que o infeliz, que a princípio declarara preferir desaparecer pulverizado a humilhar-se em crer em Deus, soltou êste grito: Pois se existe êsse Jesus por que não me aparece?

E o seu grito foi mais vibrante, deixando-o fulminado com o raio de luz que a todos nós alcançou, porque, submetidos a uma indizível emoção, produzida por uma onda de eflúvios divinos, não pudemos conter lágrimas nascidas do ambiente santificador que nos envolvia.

Eramos três os companheiros presentes e todos vertíamos lágrimas copiosas sem as poder reter, sendo notável que, ao recolher-me á minha casa, numa distância de uma hora de viagem, só pude conter o pranto ao fazer a minha prece habitual, sentado no leito.

São dêste quilate as graças com que Jesus costuma recompensar áqueles que o amam sinceramente.



# O Espiritismo em face da Ciência

LEOPOLDO MACHADO

— XXXIV —

## Evolucionismo

Terminámos o último escrito, falando, superficialmente, em *Evolucionismo*.

Aceitamos, em tese, o Evolucionismo, quer aplicado biologicamente, quer no sentido espiritual. A vida orgânica e anímica vem, não tenhamos dúvida, de muito baixo e de muito longe: dos seres inorgânicos, até chegar ao homem, ao espírito, ao anjo. Em que pese o orgulho humano, que ajusta a superioridade dos seres da natureza a sua espécie, creada, naturalmente, para dominar a própria natureza, o homem provem dos seres inferiores, é o irmão mais evoluído do mono. Infelizmente, para o homem, que, por sua conta, classificou-se de animal racional dando-lhe, assim, muito maior responsabilidade. Deus queira que «no grande e terrível dia do Senhor,» como anuncia o profeta Malaquias, não lhe sejam pedidas contas em dôbro, por haver, por sua conta, lhe ajustado, com exclusividade, o raciocínio, visto como procede, não raro, pior do que os irracionais, como se está vendo, agora, no Velho Mundo em chamas...

Não descobrimos nada no espiritismo científico de molde a contrariar a evolução das espécies, a evolução do espírito. Tudo, ao contrário, é nele de natureza a afirmá-lo e confirmá-lo.

Não é de hoje a Doutrina evolucionista. Remonta, mesmo, à era da filosofia grega, insuperável até hoje. Embora o cientificismo hodierno afirme «que é teoria que caducou, só em vigor ha cerca de dois séculos,» o facto é que nenhuma doutrina explica melhor a origem e evolução da Vida. *Caducou* à guisa da democracia, que ainda não foi entendida sinão superficialmente, por isso mesmo ainda por ser praticada integralmente.

O Evolucionismo hodierno, quer filosófico e científico, é obra, podemos afirmá-lo, de Herbert Spencer, embora tivesse o cientista como precursores, no campo filosófico, a Turgot e Kant, Condorcet Laplace. E nos dominios biológicos, a Lamarck e Darwin. Spencer traz

a Vida da materialidade cósmica para a materia física, bruta. Conjuga as forças físico-químicas, retirando desta conjugação a matéria orgânica sem vida. Desta matéria, faz surgir a matéria orgânica viva ou organizada, retirando desta, materialisticamente, o pensamento, da consciência, do raciocínio.

Ponha-se no lugar do raciocínio, a consciência, o pensamento de Herbert Spencer, o Espírito, cuja existência científica já não é impugnada sinão por quem não se tem entregue a êstes estudos e a estas experiências, que temos demonstrado logicamente a nossa escalada em busca da Perfeição, nos moldes do Espiritismo.

A espécie humana provem, material e espiritualmente, da pedra bruta, das plantas, dos peixes, dos quadrúpedes, do mono. E, de homem, ascenderá a espírito, a anjo, indo povoar mundos superiores, ou voltando á Terra já transformado em mundo angelical.

Que viemos de espécies interiores, cuja transição para o que somos é o macaco, aí estão estudos e observações realizadas por cientistas de altissima envergadura. Graaf, Baer, Darwin, Pauchet e Deney demonstram que o homem em nada se distingue, embriologicamente, dos outros animais. O homem, sob o ponto de vista puramente material, «deve a existência, como os helmintos, crustáceus, peixes, reptis, aves e macacos, ás mesmas células fêmeas: *ovoblastos*». A célula de que saíra Vitor Hugo, em nada dissemelhava da que gera o sapo! Formando-se e a desenvolver-se, o corpo humano em nada, quase, se diferencia, biologicamente, dos outros animais, afirmam-no Curvier, Serres, Marshall, Owem. A fisiologia comparada registra no organismo humano, os mesmos órgãos e funções que se contem no organismo de seus irmãos inferiores, notadamente o macaco. E' de Darwin, isto: «E' coisa sabida que o homem, junto com os demais mamíferos, está constituido segundo seu próprio modelo e tipo.» Até no cérebro, em que os materialistas localizam a inteligência e o pensamento! Huxley e Bischoff afirmam «que

cada um dos principais sulcos e relevos do cérebro do homem está representado, também no orangotango.»

Foi assente no conjunto de fenômenos anatômico-fisiológicos que Darwin e Denoy, principalmente, demonstraram que o homem deriva do macaco, como o macaco deriva de outras espécies inferiores. A arqueologia vem em auxílio da tese evolucionista, através de descobertas, as mais consideráveis, de macacos-homens por aí afora. O Dr. Fuklrott encontrou nas escavações procedidas há menos de um século, em Dusseldorf, ossadas humanas em tudo semelhante a de macacos. Estudos anatômicos realizados nelas, por Huxley e Schaaffhausen, concluíram por tratar-se do troglodita das cavernas prehistóricas ali existentes. Dentre os crânios humanos encontrados á margem do Titicaca, um houve, apanhado no túmulo de um inca, que, trasladado para a Europa e lá estudado, fôra dado como de chimpanzé. Estudos ainda mais modernos, de descobertas arqueológicas mais recentes confirmam melhormente que somos parentes muito próximo do símio. Aí está o *Pitecantropus erectus*, descoberto em Java. A própria designação do fóssil quer dizer *homem-macaco*. Em Sussex, Inglaterra, foi descoberto posteriormente, o «*Ero-antropus*.» Seus dentes incisivos — descrevem Wells e Julian Huxley — são grandes e selvagens, o maxilar inferior quasi igual ao dos monos, e o cérebro, pequeno e primitivo. O termo *eroantropus* significa *alvorecer do homem*. Em expressão de gíria: «macaco virando homem.» Outros similares de esqueletos de homens-macacos são apresentados na obra *A Ciência da Vida*, de Wells e J. Huxley, como o *Sinantropus*, nome que lhe deu Davidson Blak, significando *ser de uma espécie sub-humana*. Trata-se de um esqueleto encontrado, em 1928, na China; sua conformação óssea tanto pôde ser de gente como de macaco...

Sob o ponto de vista psico-espiritual, tanto no macaco se encontram muita coisa de nós, como no homem se registram características inferiores do macaco, e até mais abjetas ainda. Charles Vogt, no seu estudo sobre *microcéfalos*, ou *homens-macacos*, anota *specimens* de aztecas que de tão semelhantes a símios, manifestavam seus desejos a gritos agudos, semelhantes a macacos. Os *dakos* e *andamitas* da Abissinia, desconhecem — atesta

Buchner, — o uso do fogo. Krapf descobre homens aí de características inferiores ao macaco. Dr. Meyer assegura que os *tarungares* da Papuásia, são de inaudita selvageria. Andam nós, são antropófagos e até necrófagos: desenterram cadáveres para os devorar.

Ha muito o que joeirar neste passo, para a apresentação de homens que nada, sinão a forma, teem de humano, porque de instinto inferior, às vezes, às feras. J. Lubboch em substanciosos estudos antropológicos, prova como o homem primitivo se aproximava da fêra e se distanciava da espécie humana. Do mesmo jeito, ha animais com características humanas positivissimas. Sabe-se que o chimpanzé lamenta-se, a chorar, como o homem. E assimila facilmente os vícios humanos, como o fumo e a embriaguez. Na obra, «Evolução anímica», de Delane, vemos uma infinidade de provas concretissimas de que até qualidades psíquicas, que nós supunhamos sómente inerentes ao homem, são encontradas, também, nos brutos, como *reflexão, curiosidade, amor próprio e amor do próximo, abstração e vaidade, sentimento estético, solidariedade*.

Até o facto espírita corre em auxílio da tese evolucionista, embora ainda implicitamente. De Rochas, nas suas experiências com Josefina, a sensítiva, a quem fizera, em 1904 regressar ás várias personalidades que animara em outras existências, levou-a, a passes magnéticos, regressivamente, á vida de um bandido, que vivera a roubar e a matar nas estradas. Aplicando-lhe mais passes longitudinais, fez a sensítiva confessar que nada podia avançar além da vida de salteador, porque antes «tinha sido um macaco, um grande macaco, quasi semelhante ao homem...»

Muito haveria, ainda, na Antropologia, a joeirar, para a afirmação do evolucionismo anímico a par do biológico. Queremos, porém, fechar estas considerações jornalísticas a conceitos de Camilo Flammarion, sôbre o Evolucionismo: «Longe de ter uma tendência materialista, a hipótese da introdução sôbre a terra, em sucessivas épocas geológicas — antes de tudo, da vida, depois da sensação, mais tarde do instinto, em seguida da inteligência dos mamíferos, tão vizinha da razão, e, por último, da razão perfectível do homem — parece-nos, pelo contrário, o desenvolvimento de um plano grandioso, e

apresenta-nos o quadro comovedor e profundamente moralizador do predomínio sempre crescente do espírito sobre a matéria».

Não vemos, de nossa parte, como pôde o homem diminuir-se por descender, material e espiritualmente, de espécies inferiores. Diminue-se, — isto, sim! — caso insista em continuar feito, apenas, maté-

ria, á moda da ciência materialista; em continuar feito animal, embora racional. Em continuar classificando-se superior, na forma e no raciocínio, aos animais, embora alimentando paixões e inferioridades que horrorizariam muitos animais.

E' pelo Espírito que, belo e sábio, ascenda para Deus, que o homem se dignifica...

---



---

# A Vóz de Maria Corelli

---

(Fragmentos do Jardim Imortal) ————— Pela pena de Dorothy Agnes  
Nota de Introdução por J. Cumming — “De Beyond”

Poucos dias antes da passagem de Maria Corelli ao seu estado mais elevado, ela me escreveu longa carta—ignorante da grande mudança que lhe estava tão próxima—referente à sua crença na vida futura. A carta era tão íntima e confidencial que nada mais posso fazer do que publicar o seu objetivo. Estavamos comentando a sua admirável história, «A Vida Perpétua» e alguns de seus tópicos relativos à sobrevivência e ela desejava esclarecer que, embora não sendo uma espiritualista declarada, tinha uma convicção sólida na continuidade da existência e na imortalidade da alma. Ela também acreditava ser possível a comunicação que ocasionalmente se realizava entre os «dois mundos» e que durante um certo tempo o elo de união entre os que atingiram o estado mais elevado e os que ficaram para trás era o elo da memória e do amor.

Em breve ela deveria conhecer a verdade por experiência própria e a evidência tornou-se positiva, não só quanto à sua fé solidamente baseada, como ter ela tentado incutí-la nos outros, pois ela transmitiu mensagens não só por meio de nossa mediunidade que poderia ser suspeita de ilusão, mas por meio de muitas outras pessoas, cujos testemunhos cumulativos devem produzir peso. Foram efetuadas as provas habituais para estabelecer a identidade e estas não falharam. Miss Corelli fez relatos verídicos das condições da vida futura e das suas atividades com amplo poder e capacidade, bem como de suas esperanças realizadas.

Ela era uma senhora que afagava aspiração ilimitada e desejos ambiciosos e,

como todos dotados de gênio, sabia que o estado físico da vida não era suficiente—que a mór parte estava para ser feita, assim como a melhor. Aqueles que a conheceram no corpo, avaliaram bem a sua extraordinária vitalidade, bem como sua energia e resolução. Ela nutria os ideais mais elevados e fazia o máximo por viver de acôrdo com os mesmos. Os leitores de seus livros sabem como ela eletrizava seus heróis e heroínas; tanto que os críticos a acusavam de exagero e declaravam que ela se apropriava de impossíveis, expondo problemas irrealizáveis; porém, ela sómente se esforçava por exemplificar o mais elevado e o mais nobre a que a natureza humana pôde aspirar; suas heroínas eram o seu Ego sublimado, aspiração esta contínua apesar da fragilidade, erros e dificuldades que assediam todas as criaturas nesta escola terrena de experiências e provações.

Por ter eu conhecimento dêsses factos e com ela muitas vezes ter falado é que estou profundamente interessado nas revelações feitas nessas comunicações, por meio de um médium que nunca conhecera Miss Corelli no corpo, mas que revela ter dela um conhecimento profundo, como espírito. As mensagens caracterizam tão bem a índole de Miss Corelli e são tão representativas de sua personalidade inconfundível que sómente alguém, a quem ela favorecera com sua simpatia íntima é que as poderia ter recebido. Estas comunicações não são conjeturas, ou vãs imaginações, mas verdadeiras. Por isso elas tem valor áparte de sua beleza intrínseca, como evidência daquela verda-

de mais elevada, «NÃO HA MORTE».

A humanidade durante milhares de anos tem procurado solver o problema da vida futura, rasgar a cortina para apanhar um vislumbre da luz que brilha no Além. Um trabalho como êste ajuda. E' parte do volume sempre crescente de provas, vindas de todos os recantos e para tantas pessoas que aquilo a que chamamos morte sómente é o descerrar dos portais da nova vida com pontencialidade mais intensa e que, de harmonia com as leis da natureza, ha «processo eterno em movimento», ou como dizem os cientistas — evolução. A aceitação dêsse facto supremo será um consôlo para um mundo que está em dúvida, que ha muito descobriu não serem suficientes simples dogmas, que as palavras são vãs e que a necessidade atual é a da demonstração.

#### «A Todos Meus Leitores de Outrora

Quanto anseio por fazer-vos compreender a vossa divindade.

A forma criada por Deus foi perfeita e tornará a ser perfeita.

Cultivai a divina centelha dentro de vós, até que ela se torne uma gema cristalina e brilhe ao longe como uma chama a emanar Luz Divina a toda humanidade.

Não penseis nas necessidades físicas, mas deixai que na alma se imprimam os atributos do Creador. Então, quando estiver quebrada a resistência material, sereis elevados a uma atmosfera divina, onde, livres de obstáculos e livres de escravidão, a vossa mente reagirá à beleza de vossa alma e receberá a Sabedoria dos Sêres Divinos.

Quando provardes o que significa a cooperação à Lei Divina, então começareis a conhecer a alegria gloriosa de existência, a grandeza livre de peias e a nobreza de uma consciência mais vasta: A paz que ultrapassa todo entendimento.

Abrigai no íntimo dos vossos corações e mentes, nas mais variadas condições de vossas vidas, o mandamento Divino: Amai-vos Uns aos Outros.

#### Meu Lar

Habito aquí neste Jardim Formoso. E' êste o meu lar perpétuo, porque minha mente já estava tonalizada a flores e música. Assim sendo, estou no Céu.

Mas não seria um Céu para qualquer de vós, salvo si o amor pelas flores e música fazia parte de vossa consciência ativa.

Cada um é atraído por uma vasta corrente magnética de sua própria esfera particular de atividade mental.

Flores e música são insuperáveis, porque ambos são condutos de harmonia que as ondas atmosféricas põem em jôgo para produzir diferentes graus de consciência sensorial.

As flores iluminam toda atmosfera pela aura de luz que as circunda do que emana uma vibração de som harmonioso.

Nesta região que agora tanto amo, ha muitos instrumentos de música e um que dou mais apreço é modelado no desenho geométrico de um triângulo duplo, munido de cordas de uma substância a que daries o nome de celuloide (descrição mais próxima possível).

Quando eu passei lentamente através do Vale da Sombra, que é o primeiro passo de rompimento com o corpo físico, fui auxiliada pelos Anjos de Guarda (algumas vezes chamados Pastores) para alcançar o interior do Grande Além.

Alí me foi dado repousar em minha nova forma, que é incomparavelmente mais etérea do que o corpo terrestre.

Não posso avaliar o tempo que durou a languidez dessa sonolência agradável, mas eu estava absorvendo a mudança de existência. Quando minha consciência se achou mais desenvolvida e meus olhos se haviam habituado á luz brilhante, vi pousado ao alcance de minha mão o instrumento musical previamente descrito.

Empunhando-o indolentemente, ferí a corda maior. A beleza do som fez-me estremecer e tentei executar um acorde, mas só produzi uma dissonância no ar suave. Descontente comigo mesma, suspirei profundamente e retomei minha posição de abandono em que primeiro despertára, fechei os olhos pensando repousar mais na venturosa calma da inatividade.

Foi então que o maior acorde, jamais por mim ouvido, feriu meus órgãos auditivos. Sentei-me instantaneamente e então sómente olhei ao meu derredor.

Não muito distante, estava um rapaz de figura graciosa e, estranhamente digna para tal juventude.

Vendo que eu o observava, aproximou-se e disse: «Quereis ouvir um pouco de música?»

Respondi afirmativamente, notando em suas mãos uma líra, que deveria ter dado aquele acorde divino.

E' um tanto difícil descrever o que então senti.

A melodia me fez compreender que minha desarmonia resultára do facto de eu não estar afinada ao ambiente.

Era uma lição sem palavras. E me admira como eu a compreendia tão claramente.

Todo o pensamento vai de encontro á atmosfera e é de forma hieroglífica, assim é produzida uma visão mental e vendo que eu compreendia, o jovem começou a executar uma série de notas, para mostrar-me uma escala graduada de qualidade maior e menor.

Assim procedendo, êle modelava com a musica o meu futuro lar.

### O Jardim Branco

Quando êle terminou, estendi-lhe anciosamente minhas mãos, e agradei comovida.

Gentilmente êle as tomou entre as suas e com um sorriso modesto e encantador, pousando uma de minhas mãos sobre seu braço, disse: «Vinde, vou conduzir-vos para a vossa casa».

Alegremente caminhei a seu lado, silenciosa, porque eu sentia dificuldade em respirar normalmente.

Subimos por uma encosta íngreme e êle me amparava, como o faria um irmão mais moço e mais forte na estera terrestre murmurando: «logo respirareis

normalmente ao conhecerdes o ritmo da vibração atemosférica.

Assim fiz e ouvi um som fraco, mas distinto, semelhante ao compasso de um metrônomo.

Mais intuitiva do que concientemente, porque tudo tanto me surpreendia, diversamente do que eu havia imaginado, alterei minha respiração: — e *então foi* como si um mágico me houvera subitamente transportado ao País das Fadas. Um País tão belo que me senti tomada de veneração e enlevada de entusiasmo. O tempo passava e então me foi mostrada uma visão de um mar azul, pacífico e além, colinas vestidas de púrpura estavam veladas por luminosa nevoa dourada. Ao mesmo tempo que uma voz docemente modulada dizia: «Vou preparar o vosso lugar». Não saberia dizer se era a voz de meu jovem guia que me sussurrava estas alegres palavras, porque o som seguramente ecoava por todo o Jardim de Puro Encanto.

Uma emoção de profunda humildade se apoderou de todo meu sêr, eu não era digna dêsse país venturoso.

A meus pés eu via grupos de lírios, suas encantadoras cabeças fragrantas curvavam-se profundamente, em attitude simpática á minha humilde consciência. Largas avenidas de resplendente relva orvalhada, atraia meu olhar extasiado.

Acima de nossas cabeças, árvores de ramagens douradas lançavam soberba perspectiva, que parecia terminar onde resplendia uma lagôa imensa, cujas águas claras refletiam brancos templos de admirável arquitetura. — *Maria Corelli.*»

---

# Crônica Estrangeira

---

## Revelações Supranormais de Utilidade Prática

«Psychica»

Entre inúmeros exemplos desta espécie, relatados por Cesar de Vesme, citamos êste exemplo inesquecível:

Quando Dante Alighiéri faleceu em Ravenna, em 1321, constataram que ainda faltavam os treze cantos finais da *Divina*

*Comédia*. Procuraram-nos por toda parte, questionaram os amigos que tinham estado em relações íntimas com o poeta, mas tudo em vão. Oito mêses depois, e quando se havia renunciado a todas as esperanças de completar o grande poema, Jacopo, o filho mais velho de Dante, viu seu pai em sonho, com rosto resplandecente, todo vestido de branco. Jacopo lhe perguntou se êle ainda vivia, ao que o poeta respondeu: «Sim, mas a verdadei-

ra vida, não a vida de outrora.» Então o filho questionou-o sôbre os treze cantos que faltavam ao poema. Parecia-lhe que o pai o conduzia ao quarto em que habitualmente dormia e, indicando certo ponto de uma parede, o morto disse: «Aqui está o que ha tanto tempo estiveste a procurar».

Jacopo despertou e foi a casa de um proeminente cidadão de Ravenna, Pietro Giardino, que durante longo tempo fôra um dos discípulos do poeta; relatou-lhe o sonho e acompanhou-o à antiga morada do pai. Com autorização da pessoa que então morava no prédio, eles deslocaram um caixilio pregado á parede, que dissimulava um esconderijo, cuja existência era por todos ignorada. Aí encontraram muitos papeis bolorentos, entre os quais a última parte da *Divina Comédia*.

Boccacio, que apenas contava doze anos quando morreu o poeta, foi informado do acontecimento pelo próprio Pietro Giardino, que fôra testemunha ocular da ocorrência. O biógrafo Boccacio registrou o facto em sua obra *Vida de Dante Alighiere*.



## O Dr. Cross e o Psiquismo

O Dr. Cross, engenheiro electricista, que fez os seus estudos na Universidade de Paris e foi colaborador do célebre Prof. d'Arsonval, vai publicar uma obra sôbre psiquismo, da qual o *Journal of the American S. P. R.* insere alguns trechos e que «Além» de Portugal, transcreve.

Além das experiências de radiestesia feitas no edificio de *Sidney Mail*, na Austrália, o autor relata outras experiências notáveis, como a deslocação de objectos sem contacto e acção a distância, a levitação de uma tijela a-pesar do seu peso de 125 arráteis, fenómenos de transporte (apports) de papel de marca muito rara, de química (um tubo contendo 10 grs. de arsênico colocado ao lado de outro tubo que continha 25 grs. de água destilada), uma parte do arsênico passou para dentro do tubo que continha a água e que estava selado.

O mesmo jornal, referindo-se ainda às experiências do Dr. Cross, relata, também, o que se passou numa sessão em S. Francisco com o médium Harry Aldrich, durante a qual diversas entidades

se manifestaram, exprimindo-se em 6 línguas diferentes. Depois, uma menina francesa começou a falar rapidamente através duma corneta, enquanto que um estudante inglês, vitimado por uma laringite tuberculosa, fazia-se reconhecer perfeitamente. A menina francesa, convidada a repetir o que tinha dito, fê-lo em calão próprio do bairro onde viveu.



## «Como meu filho provou a sobrevivência»

«Estudos Psíquicos» — Lisboa

A senhora M. Y. Vickerman, presidente do Centro espírita Wibsey, de Bradford, publicou um depoimento interessantissimo no semanário inglês *The Greater World*, em que se prova, mais uma vez, a sobrevivência. Esta senhora, há perto de meio século que faz experiências psíquicas, embora só há trinta anos tenha pensado a sério nas coisas do Além. A narração que se segue refere-se à época em que ela trabalhava com uma amiga dedicada que sofria duma chaga no tornozêlo, pouco mais ou menos da largura de um xelim.

— «Uma noite, quando ia deitar-me — diz a senhora Vickerman — parecia-me estar a suceder alguma coisa de extraordinário no ângulo do quarto. Olhando melhor, distingui a forma de um homem na escuridão. Bem apessoado, usava uma espécie de pele manchada que lhe descia abaixo dos quadris. A seus pés, uma tijela com líquido efervescente, para dentro da qual êle parecia lançar hastes de papoila e fôlhas semelhantes às da malva dos pântanos. Quando o líquido arrefeceu, banhou com êle o tornozêlo, onde notei uma ferida precisamente igual à da minha amiga».

Na manhã seguinte contou o facto à amiga, a qual resolveu fazer tratamento igual. O que é certo é que ficou inteiramente curada. Quinze dias depois, já não tinha vestígio algum de ferida no tornozêlo.

Esta experiência dicitu a senhora Vickerman a estudar ciências psíquicas, tornando-se espírita militante. Desde então, muitas visões e símbolos se lhe teem apresentado. E' uma dessas visões que ela vai contar, tão gravada lhe ficou, para

sempre, na memória, além de lhe fornecer a prova incontestável da sobrevivência.

— Essa visão apareceu-me na noite de 25 de Abril de 1937. Meu filho, desincarnado havia quatro anos, devia ter feito 29 anos nesse dia. Deitara-me um pouco triste pensando nos aniversários que costumava festejar.

«Após o primeiro sono, fiquei acordada por longo tempo. Às quatro e meia da manhã, apagou-se, automaticamente, a iluminação pública e o meu quarto ficou em semi-escuridão. Notei logo um ruído especial e um anel de luz girante iluminou o aposento. Depois, as formas espirituais começaram a desenhar-se gradualmente, estabelecendo círculos iguais aos que as crianças fazem quando brincam. Nesses círculos, vi meu filho e sua esposa, que falecera, com o filhinho, cinco meses depois do marido; vi minha mãe, desincarnada há 14 anos; vi meu pai e outros parentes, enfim, verdadeira e feliz união familiar, como no tempo em que eram vivos da Terra.

— «Que significa isto, meu filho? — perguntei.

— «Hoje é dia do meu aniversário e por isso estamos contentes. Decerto, não se esqueceu...»

«Entretanto, cantava alegremente, um passarinho.

— «Que bela canção da aurora! — pensei.

«A seguir, disse a meu filho que não me esquecera e por isso lhe trouxera algumas rosas, que lhe entreguei. Pegou nelas, elevou-as à altura do rosto e exclamou:

— «Sete são esplêndidas. Não devia ter-se incomodado. Neste tempo do ano são raras, mas recuperá-las-á em breve».

Quando se desfêz a visão, a senhora Wickerman, olhou para o relógio: eram cinco horas e dez minutos...

Mais tarde, veio a confirmação da experiência. Certo médium, desconhecido da articulista, visitou o Centro Wibsey e fez entrega de uma rosa, obtida por *apport*, com a seguinte mensagem:

«Mãe, esta é a primeira rosa».

Note-se que o médium nada sabia acerca da visão. Da mesma forma, a senhora Wickerman obteve as restantes seis. A última mensagem dizia:

«Esta é a última.»



## Experiências com a médium Kate Goligher

«La Revue Spirite»

Mr. Mc C. Stephenson que participou das experiências do Dr. Crawford, Professor na Universidade de Belfast, demonstrou a autenticidade dos fenômenos produzidos.

«Vi a mesa levitar e deitar-se. Eu estava sentado sobre a mesa e caí sobre o soalho. Senti a força fluídica nos tornozelos e, a meu pedido, foram vibrados golpes sobre as solas de meus sapatos, isto quando ainda estava sentado na mesa. Com todas minhas forças tentei impelir a mesa, que sómente pesava pouco mais de 5 quilos, em direção da médium, mas a força psíquica foi mais possante do que a minha, e o esforço me fez transpirar. A força fluídica parecia tomar a forma de alavancas com ventosas á sua extremidade. Ouvíamos as ventosas colarem-se á mesa e escorregarem.

Um processo de contrôle fotográfico por meio de três aparelhos de fotografias á luz infra-vermelho, permitiu afirmar a autenticidade dos fenômenos produzidos por Mrs. Goligher.

Sabe-se que as emanações ectoplásmicas teem sido fotografadas em condições de contrôle científico.



## Psicologia Animal

«Constancia» reproduz do grande órgão argentino, La Nación, os seguintes factos:

Mme. Sylvia Barbanell, em seu livro «Quando vossos animais morrem», cita muitas ocorrências curiosas. A outora procura responder a milhões de afeiçoados aos animais, que perguntam: «Qual é o destino de meu cão depois de morto?»

Pouco antes da Grande Guerra, uma dama visitou a capital britânica, onde assistiu a uma sessão de Espiritismo. A médium lhe descreveu um cão e forneceu o respectivo nome. Mas quando a médium declarou que o cão havia morrido sob as rodas de um carro distribuidor de carne, a dama fez um meneio negativo com a cabeça. Ao sair de casa ela o havia deixado em bom estado e contente. Mas quando regressou, soube que êle morrera

em sua ausência. O carro de um açougueiro o havia atropelado.

Um advogado havia visitado, em certa ocasião, uma nova cliente em sua casa de campo. De regresso a sua casa, êle disse à sua esposa ter visto um belo cão a dar saltos em frente á cliente, detendo-se de quando em quando para fixar-lhe o rosto.

Depois de algum tempo, a dona do cão tomou um apartamento em Londres, e o advogado e sua esposa foram visitá-la.

— Onde está o seu cão? — perguntaram ambos.

Depois de um breve silêncio, respondeu a mulher.

— Não possuo cachorro.

Num momento em que só estavam as duas senhoras, a dona da casa disse à visitante :

Sou grande apreciadora de cães, mas passei por uma experiência tão terrível com um dêles, ao qual muito estimava, que nunca terei outro. Certa vez fui à França e deixei meu cão em casa de meus pais. Pouco depois, êstes partiram para o campo e deixaram o animal aos cuidados do cocheiro, êste o tratou tão mal que pouco depois morreu.

— Que espécie de cão era? — perguntou a interlocutora.

— Um «terrier» escocês.

De regresso ao lar, disse o advogado a mulher :

— E' estranho o que ocorre com o cão dessa senhora. Eu juraria que vi um cão em sua companhia, quando a visitei pela primeira vez.

Esta afirmação era estranha, isto pelo facto de nada ter o advogado ouvido da conversação entre as duas mulheres.

— Que espécie de cão dizes ter visto?

— Um «terrier» escocês.

Um facultativo refere que seu cão sempre se deitava debaixo da mesma cadeira. Quando o animal morreu, êle adquiriu outro. Certo dia, êste foi deitar-se debaixo da mesma cadeira, como costumava fazê-lo o seu predecessor, mas de súbito deu um salto, deteve-se e demoradamente olhou o lugar, com profunda perplexidade. «O cachorro morto» — diz Mme. Barbanel, «defendia seu direito ao lugar especial».

Quando viajava pela Russia, Mr. Harold Sharps travou relações com um jovem engenheiro electricista. Certo dia, durante um passeio pela cidade, Mr. Sharp notou que o cachorro de seu amigo estava brincando com outro.

— Donde saiu aquele cachorro? perguntou.

— O engenheiro parou e observava a cena. Um tanto surpreendido, chamou o animal, e quando se dispunha a acariciá-lo, o cão se esvaeceu. Tratava-se de um cão que lhe havia pertencido e que fôra morto anos atrás.



## Maravilhosa Operação Espiritual

«Prediction»

Mme. Bartolette relata a seguinte cura espiritual de que ela foi testemunha e partícipe :

Ela fôra visitar uma senhora que muito sofria. Quando se encontrou a seu lado, ela percebeu a forma de um homem de pé á frente de ambas.

Pela descrição a enfôrma reconheceu seu irmão, médico, falecido ha tempos, o qual lhe dissera em seu leito mortuário : «eu voltarei para tratar de doentes».

Um sorriso iluminou o rosto do espírito, quando foi reconhecido pela irmã. Madame Bartolette ouviu dêle as seguintes palavras : «continue com os passes, enquanto eu estiver examinando...»

Passado algum tempo, ela ouviu estranha voz com pronunciado acento escocês : «Volte aquí amanhã, á tarde. Eu vou praticar uma operação. Êste caso é curável».

Ela compareceu no dia seguinte e no quarto ela percebeu o espírito do doutor e mais dois espíritos. Todos traziam vestes brancas.

O que ela viu em seguida pareceu-lhe estranho e irreal, porém os resultados foram maravilhosos :

«Eu via a cavidade abdominal, onde alguns órgãos apresentavam manchas escuras. Sôbre estas o doutor começou a trabalhar com seus dedos longos e afilados até seu completo desaparecimento. Sôbre a cabeça eu agia por meio de passes, e o ar se tornava mais e mais frio.

Por fim, o Dr. ergueu-se e ouviu-



dizer: «Conserve-a em repouso; voltarei depois de três dias», e esvaceu.

A operação psíquica foi coroada de pleno sucesso. As cólicas, consequentes á colite jamais se repetiram. Ha dois anos, (dez depois da operação), ela me comunicou que seu irmão controlou dois co-

nhecidos médiuns por meio dos quais fez uma descrição detalhada dessa maravilhosa operação».

Pelo seu dom de curar, muitos anos dedicados ao estudo das ervas, Madame Bartolette poud curar muitos casos chamados incuráveis.

# ESPIRITISMO NO BRASIL

## Conferência sôbre Cairbar Schutel

Conforme noticiámos, o prezado confrade, Dr. Francisco Luiz de Azevedo Silva, realizou no dia 20 do mês passado, ás 19 horas, na séde da Liga Espírita do Brasil, Capital Federal, uma conferência sôbre Cairbar Schutel em prosseguimento à série de conferências sôbre «Vultos do Espiritismo do Brasil», que essa entidade espírita vem realizando com grande êxito.

A essa conferência compareceram os confrades João Silveira, diretor de «A Centelha», de S. Paulo; Dr. Calazans de Campos; Mariano Rango d'Aragona; representantes de várias associações espíritas, entre as quais a Sociedade de Medicina e Espiritismo do Rio de Janeiro.

Presidiu a sessão o confrade Aurino Souto, presidente interino da «Liga».

Após a ótima conferência do Dr. Azevedo Silva fez um belo discurso sôbre Cairbar Schutel, o confrade Mariano Rango d'Aragona. Êste orador disse que Cairbar Schutel fôra um dos seus primeiros amigos ao chegar ao Brasil.

«O Clarim», «Revista Internacional do Espiritismo» e Centro Espírita «Amantes da Pobreza» fizeram-se representar por intermédio do prof. Leopoldo Machado.

— A' Liga Espírita do Brasil e ao Dr. Azevedo Silva, mais uma vez, os nossos sinceros agradecimentos, agradecimentos que tornamos estensivos ás sociedades espíritas que se fizeram representar e ao confrade Mariano Rango d'Aragona.

## A nossa excursão

Comunicado do nosso representante em viagem, sr. João Leão Pitta:

Durante o mês de Junho fiz 19 palestras nas seguintes localidades: Lins, Guaiçara, Promissão, Corrego do Silvestre, Penapolis, Alto Alegre, Corrego Fundo, Bonito e Corrego do Coroado. Em Alto Alegre, o Centro fica uns 5 quilómetros do povoado. Contudo, aí se reuniram mais de 100 pessoas, não havendo vinte espíritas entre as mesmas, pois as restantes eram católicas e protestantes, que pela primeira vez ficaram sabendo que o Espiritismo é a continuação da doutrina de Jesus, escoimada das formalidades e ritos que os interesses humanos nela enxertaram.

## Jardins da Infância

Felizes daqueles que crescem num meio inteligente e são.

GAULTIER.

Por criteriósas observações e experiências, chegou-se à conclusão de que a eficiência do curso primário — alicerce de todos os outros — muito depende da base que a criança possúe ao iniciar os estudos. Por sua vez, a boa ou má condição do aluno, ao ingressar nas escolas primárias, está subordinada a várias causas. Mas, de um modo geral, aquele que vive em ambiente são e inteligente, leva muita vantagem sôbre o que cresce em meios ignorantes e falhos de recursos. Isto se verifica, facilmente, por meio de confrontos. Geralmente, a criança bem cuidada e que convive

com pessoas instruídas revela maior facilidade de apreensão e maior aproveitamento nos estudos.

Por isso mesmo, seria obra de grande benemerência auxiliar as crianças que não contam com êsses favores. Com a fundação de jardins da infância anéxos aos Centros Espíritas, alguma coisa se poderia fazer nesse sentido. Tais organizações não exigem grandes recursos financeiros e iriam cooperar em benefício da educação da infância desprotegida, e, muita vez, abandonada. As sédes dos Centros quando bem localizadas, em zonas centrais ou próximas de bairros operários, poderiam ser aproveitadas para tal fim.

Uma jovem de preparo elementar, paciente e de boa vontade, estará apta para exercer a função de professora de escola pré-primária.

As mães pobres, empregadas ou sobrecarregadas de obrigações domésticas, teriam um pouco de sossego, porque seus filhinhos ficariam, por

algumas horas, sob os cuidados de pessoas solícitas e responsáveis, evitando assim as más companhias de ruas e outros inconvenientes.

Procuramos fazer alguma coisa em favôr de encarcerados e asilados. E' nobre o sentimento. Não devemos, entretanto, esquecer que a criança educada, dificilmente, no futuro, será candidata à cadeia ou asilo, pela sôma de recursos morais e intelectuais que adquire. Portanto, façamos hoje, com menos sacrifício e melhor resultado, aquilo que deveremos fazer amanhã, com maiores dispêndios e menores benefícios, a favôr do inválido ou criminoso, gerado pela ignorância, que se torna um pesado fardo á sociedade.

Fundemos jardins da infância, acolhendo assim os pequeninos, em nome de Jesus.

*Gustavo Marcondes.*

Campinas.

## Nosso Representante em Santos

Comunicamos aos nossos assinantes residentes em Santos que, tendo o sr. Tancredo Regio dos Santos, fixado novamente sua residência nessa cidade, á rua Ipiranga, n.º 71—São Vicente, volta a ser êsse prezado confrade representante de «O Clarim» e «Revista Internacional do Espiritismo» nessa cidade.

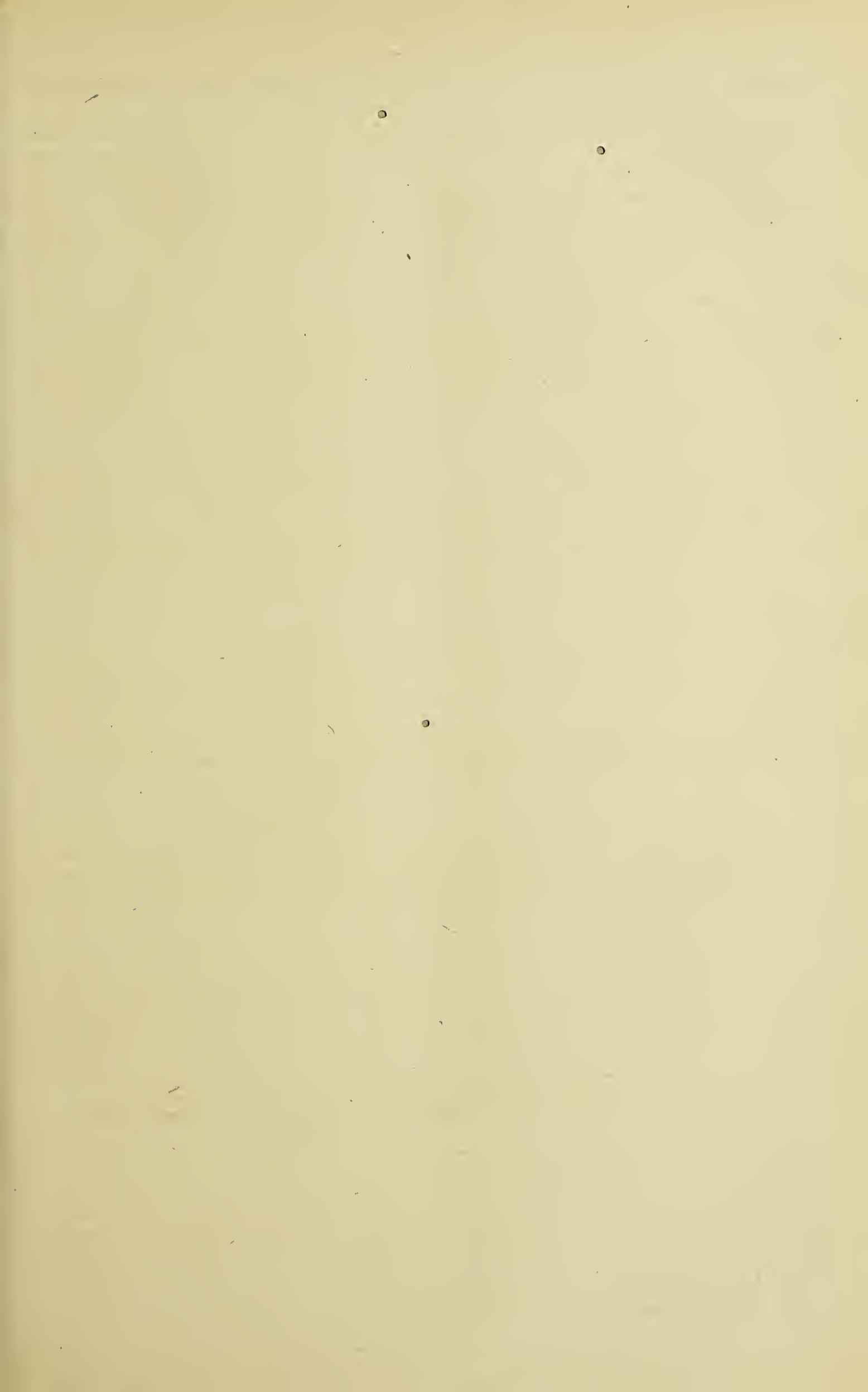
Aos nossos prezados assinantes de Santos solicitamos especial atenção a êsse trabalhador da seára espírita, o que antecipadamente agradecemos.

O sr. Tancredo Regio dos Santos pode ser procurado á rua acima mencionada ou no escritório da Caixa de Liquidação S/A—Palácio da Bolsa, Santos.

## Coleções da Revista Internacional do Espiritismo

As coleções da «Revista Internacional do Espiritismo» são vendidas pelos seguintes preços :

1.º ano — 100\$000 ;	2.º ano — 40\$000 ;	3.º ano — 100\$000
4.º ano — 35\$000 ;	5.º ano — 30\$000 ;	6.º ano — 40\$000
7.º ano — 40\$000 ;	8.º ano — 40\$000 ;	9.º ano — 100\$000
10.º ano — 40\$000 ;	11.º ano — 50\$000 ;	12.º ano — 50\$000
13.º ano — 50\$000 ;	14.º ano — 50\$000 ;	15.º ano — 50\$000.







# Revista Internacional do Espiritismo

FOLHETO MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

Diretor: José da Costa Filho

Redator: Watson Campêlo

Redação e Administração  
MATÃO - E. DE S. PAULO - BRASIL

A *Revista Internacional do Espiritismo* está em comunicação com as principais revistas européas, em vista do que, além dos artigos de fundo dos seus colaboradores, publica os relatos dos jornaes de além mar, dá conta das conferências, dos congressos, e na sua *Crônica Estrangeira e E'cos e Noticias*, deixa os leitores ao par de todos os factos e novidades Anímicos e Espíritas ocorridos no mundo inteiro. A Revista aparece regularmente a 15 de cada mês, com 32 a 40 páginas de acordo com a matéria de urgencia, utilidade e atualidade.

## PREÇOS DE ASSINATURAS

-- BRASIL	-- Ano	-- Assinatura simples	20\$000
-- BRASIL	-- Ano	-- Assinatura registrada	25\$000
ESTRANGEIRO	-- Ano	-- Assinatura simples	30\$000
ESTRANGEIRO	-- Ano	-- Assinatura registrada	45\$000

**NUMERO AVULSO 2\$000**

As Assinaturas começam em Fevereiro e Agosto e são pagas adiantadamente

**A' venda na Livraria da Federação Espirita Brasileira**

Avenida Passos, 30 :-: Rio de Janeiro



